15

selos & moedas

bibRIA

AVEIRO, 1-XII-1962 ★ ANO I ★ N.º 1

Boletim
Trimestral
de
SECÇÃO FILATÉLICA
E NUMISMÁTICA
do
CLUBE dos GALITOS

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO
BIBLIOTECA

LIMIAR

pelo DR. DAVID CRISTO

TODOS o sabem: selos e moedas nasceram, funcionalmente, para instrumentos de troca — troca por serviços ou por bens económicos. Mas quando o homem lhes acrescentou a sua arte e, com ela, a sua sensibilidade e os seus sentimentos, as moedas e os selos sublimaram o próprio homem, na medida em que o homem soube e quis usar a inevitável, mas chã, materialidade como mensageira da Beleza e do Espírito.

biblRIA

Por isso, o coleccionamento não é uma actividade qualquer — tem um significado transcendental: o coleccionador arrecada e sistematiza valores espirituais que subalternizam e fazem até esquecer o rasteiro valor utilitário para que foram criados — e neles se deleita e aprende, e neles se revê como um ser que se liberta e voa para além dos condicionalismos da matéria.

Oxalá que a presente publicação venha a servir condignamente os fins, estimáveis, por nobilíssimos, do coleccionamento puro — queremos dizer: daquele coleccionamento que elege, para cotação das espécies, menos os preçários mercantis do comércio vulgar do que o mérito absoluto do documento amorosamente arquivado — mérito que tanto pode filiar-se na raridade do espécime, como na sua estética, como na lição que nos dá.

COMO OS OUTROS NOS JULGAM...

Respigos da Imprensa

FOLHA DE LONDRINA
PARANÁ — BRASIL
de 30 de Dezembro de 1956

«/.../ Os primeiros objectivos da nova Secção: conferências de divulgação da interessante modalidade e uma exposição filatélica, a primeira, no género, que se realiza em Aveiro.»

bibRIA

L I T O R A L
de 10 de Dezembro de 1960

/.../ Aproveitamos o ensejo para felicitar a Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos pela sua projecção nacional, agora reiterada./.../»

R E P Ú B L I C A
de 25 de Agosto de 1962

«/.../ o pendão da Filatelia ergue-se bem alto no mastro grande do Galitos de Aveiro.»

JORNAL DA MADEIRA
de 20 de Julho de 1962

«/.../ Mas deve-se tal movimento de propaganda e de desenvolvimento da filatelia aveirense, sobretudo, ao amor filatélico, ao extraordinário dinamismo, ao espírito humano e fraternal /.../
/.../ Realizações valiosíssimas. /.../

BOLETIM DO CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL

Ano XVI, N.º 133, de Agosto de 1962

A sessão, em Aveiro, do dia 11 de Agosto, tanto como a confraternização do dia imediato, «foram duas grandes jornadas de propaganda filatélica. Como nós desejaríamos que se realizassem em todas as terras do país! Por outras palavras: índice de duas saudáveis e utilíssimas ideias: Filatelia e Regionalismo.»

DIÁRIO DE LISBOA

de 1 de Julho de 1962

«/.../ avulta Aveiro, cujos filatelistas, tanto pela quantidade, como pela qualidade, estão a disputar lugar de vanguarda no crescente movimento filatélico português. /.../»

biblRIA

CORREIO DO VOUGA

...Mais uma actividade no Clube dos Galitos. É esta de agora, pelas suas caracteristicas e pelos seus objectivos, exige um trabalho feito em beleza, com inteligência e coração. Com alma. Com todo o carinho, pois só carinhosamente se podem tratar selos e moedas...

Opinião de um **FILATELISTA** acerca do **RESTAURANTE**

GALO DE OURO

Belo como o selo do Milenário de Aveiro; cativante como o selo de Santa Joana, e atraente como o selo de $40 — 1.ª E. Costumes Portugueses

As sobremesas do RESTAURANTE «GALO DE OURO» sabem aos «Frutos» de S. Tomé e Principe.

TELEFONE 23456

O que foi e o que vai

PELA NOSSA CASA

NÓTULAS DE MORAIS CALADO

Quando e como surgiu a ideia

Foi em 19 de Fevereiro de 1956 que, a convite do sr. José Maria Fialho de Macedo — comerciante de selos, da vizinha Vila de Ilhavo, e então Delegado no Distrito de Aveiro da Federação Portuguesa de Filatelia —, se fez a primeira reunião filatélica na sede do Clube dos Galitos, com o fim de celebrar o II DIA DO SELO. Lançada ali a ideia da fundação em Aveiro de um clube de filatelistas aveirense, foi formada uma Comissão presidida pelo Dr. David Cristo e secretariada por Raúl de Deus Marques. Desde logo, com o maior entusiasmo, se propuseram interessantes iniciativas, marcando-se o domingo imediato para melhor as discutir e concretizar. Entre outras deliberações, ficou assente que não se fundasse um clube autónomo, mas uma Secção integrada no prestigioso Clube dos Galitos.

A Fundação

Feita a respectiva proposta, em Julho de 1956, subscrita por 20 sócios do Clube dos Galitos, foi esta aprovada pela Direcção, em reunião de 30 de Julho do mesmo ano. Posteriormente, pediu a Direcção do Galitos que se elaborasse o Regulamento da Secção Filatélica, o qual a Comissão Organizadora, constituída por Morais Calado, Carlos Leitão e Eng.º Paulo Seabra, apresentou em 21 de Agosto de 1957. Esse Regulamento, levado à reunião de Direcção do Clube dos Galitos, que se efectuou nesse mesmo dia, obteve geral aprovação e fez com que o Clube passasse a «considerar fundada e com existência legal a nova Secção, que desde aí poderia iniciar os seus trabalhos» (Carta de 26/VIII/57 para o Presidente da Comissão Organizadora). No entanto, conseguiu aquela Comissão, com o apoio do Presidente do Pelouro Cultural do Clube dos Galitos, Dr. José Pereira Tavares, organizar, em 12 de Maio de 1958, uma Assembleia Geral, primeira em que, sob a sua presidência, se nomearam os Corpos Directivos para a Secção Filatélica, que daí em diante passou a actuar normal e legalmente.

DIRIGENTES INICIAIS:

Assembleia Geral — *Presidente*, Coronel Diamantino Antunes do Amaral *(efect.)*, Dr. David Cristo *(subst.)*; *Secretário*, Amilcar Henriques Gamelas *(efect.)*, Noel Ferreira da Maia *(subst.)*.

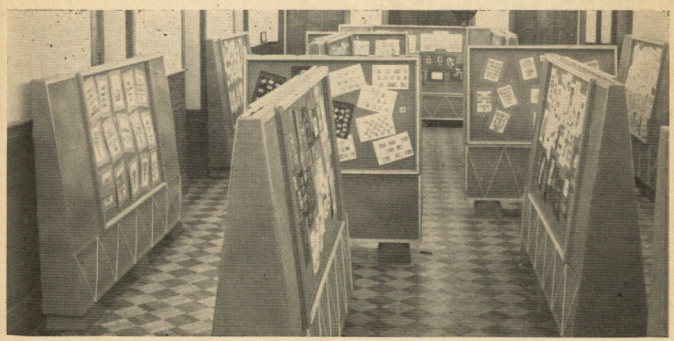
Conselho Fiscal — *Presidente*, A'lvaro Júlio dos Santos Magalhães *(efect)*, Manuel Pimenta Vieira *(subst.)*; *Vogais:* Sargento Custódio Tavares e José Henriques dos Santos *(efects.)*, Jorge Carneiro e Manuel António Lopes *(subst.)*.

Direcção — *Presidente*, Alberto Casimiro Ferreira da Silva *(efect.)*, Dr. Nuno da Cunha Dias *(subst.)*; *Secretário*, Artur José Lopes Lobo *(efect.)*, Domingos Carvalho Moreira *(subst.)*; *Tesoureiro*, Carlos da Rocha Leitão *(efect.)*, João Luís dos Santos Vaz *(subst.)*; *Vogais:* Eng. Paulo Seabra e José da Purificação Morais Calado *(efects.)*, Capitão Avelino Vaz Duarte e Augusto Pinho Varela *(substs)*.

DIRIGENTES ACTUAIS:

Assembleia Geral — *Presidente*, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes *(efect.)*, Dr. David Cristo *(subst.)*; *Secretário*, Artur José Lopes Lobo *(efect.)*, António Luís de Almeida *(subst.)*.

biblRIA



Um aspecto da primeira exposição filatélica realizada em Aveiro no salão nobre do Grémio do Comércio —, preparatória da I Exposição Distrital

Conselho Fiscal — Dr. José Gomes de Andrade *(Director do Pelouro Cultural do Clube)*; *Tesoureiro do Clube*; e Tenente José Maria Cardoso *(Vogal de Secção, efect.*; e Á'lvaro Júlio Magalhães *(Vogal de Secção), subst.*.

Direcção — *Presidente*, José da Purificação Morais Calado; *Vice-presidente*, Eng. Paulo Seabra Ferreira da Fonseca; *Secretário*, Manuel Pimenta Vieira; *Tesoureiro*, José Henrique dos Santos; *Vogal*, Carlos da Rocha Leitão *(efect.)*, Sargento Custódio Tavares *(subst.)*. Augusto de Pinho Varela *(subst.)*

bibRIA

Delegado da Secção junto da F. P. F., Dr. Jorge de Melo Vieira.

CORPO CONSULTIVO:

Consultor-geral, Observador e Crítico da Secção:
DR. DAVID CRISTO

Para Temas Desportivos:
JOÃO SARABANDO

Para Temas de Literatura:
DR. JOSÉ TAVARES

Para Temas Femininos e Infantis:
D. ALBERTINA CHAVES MARTINS DA SILVA

Para Temas Religiosos:
MONS. ANÍBAL RAMOS

Para Temas Históricos:

DR.ª DULCE SOUTO

CONSERVADORES:

Bibliotecários:

JOSÉ FERREIRA ESTIMADO
MANUEL ANDRADE RUIVO

Do restante património:

SARG. CUSTÓDIO TAVARES
ANTÓNIO CAMPOS GRAÇA

SÓCIOS DE HOJE:

Honorários, 2; Efectivos, 73; Auxiliares, 34. Total, 109.

A LISTA NOMINAL VAI PUBLICADA NOUTRO LUGAR

bibRIA

REUNIÕES DO PASSADO:

Além das reuniões preliminares, a que nos referimos nas duas primeiras epígrafes, realizaram-se até hoje mais as seguintes sessões de trabalho:

Da Direcção	50
Da Assembleia Geral	5
Sessões Solenes	1
Sessões Festivas ou Comemorativas. . .	6

A cozinha do RESTAURANTE «**GALO DE OURO**» prepara os pratos regionais que o turista deve apreciar.

Se passar em Aveiro, entre no RESTAURANTE «GALO DE OURO»; o aroma dos seus cozinhados obriga-lo-á a jantar.

Telefone 23456

EXPOSIÇÕES PRÓPRIAS E PARTICIPAÇÕES

PRÓPRIAS — Exposição Filatélica de Aveiro (Inter-sócios, em número de 20), Certame preparatório para a I Exposição Filatélica de Aveiro (42 participações)

PARTICIPAÇÕES — Exposição Filatélica Nacional — Lisboa 60- (3 participações aveirenses, todas premiadas)

O RESTAURANTE **"GALO DE OURO"**

sendo o restaurante mais confortável e que melhor serve, é o mais comedido em preços e o mais classificado em culinária

Telefone 23456

bibRIA

Uma reunião para aquisição e troca de selos, na Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos

Abraço muito apertado para os filatelistas de Aveiro

do DR. A. J. DE VASCONCELOS CARVALHO
Presidente do Clube Filatélico de Portugal, Vice-presidente do Congresso da Federação P. de Filatelia e Vogal da Comissão Filatélica Nacional dos C. T. T.

EM cima de uma extraordinária e preocupante acumulação de serviço profissional, vários sintomas de doença — que os médicos não têm a certeza de que seja apenas uma gripe bastante carregada — impedem-nos de escrever, para o boletim «Selos & Moedas», órgão da brilhante Secção Filatélica e Numismática do «Clube dos Galitos», de Aveiro, o artigo que tão amigável e insistentemente nos pedem.

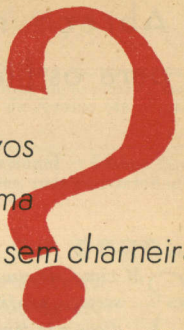
biblRIA

Mas tal artigo não fará falta, substituído pelos de outros colaboradores muito mais distintos.

Por nós, basta enviarmos um abraço para Aveiro, dezenas de abraços para todos os filatelistas de Aveiro, com a garantia, que eles sabem ser sincera, de que estaremos sempre, incondicionalmente, ao lado dos seus anseios e das suas realizações, cada vez mais frequentes e valiosas, mercê de um grupo de dirigentes, em que há que destacar Morais Calado, Dr. David Cristo, Carlos Leitão e Eng.º Paulo Seabra Ferreira.

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA
POSSUI UMA FROTA DE:
— 6 arrastões para a pesca do bacalhau
— 2 atuneiros congeladores
— 4 arrastões costeiros

Selos obliterados ou selos novos
Selos novos - com ou sem goma
Selos novos com goma — com ou sem charneira



Pelo DR. JORGE DE MELLO VIEIRA

Cronista filatélico do diário «República»

ILHRIA

COMO bem se compreende do título que demos a este nosso artigo, trata-se dum assunto que tem estado sujeito a grande controvérsia, assunto que convém ser esclarecido e no qual gostaremos de tomar posição, ou melhor, de emitir opinião, pois bem pode suceder que os nossos pobres argumentos sirvam de base à argumentação dos homens que estabelecem doutrina...

Tratemos, pois, como convém, do assunto, por partes, mas permita-se-nos que, antes, prestemos, num curto preâmbulo, alguns esclarecimentos.

A nós, e a todos aqueles que escrevem sobre filatelia, cumpre evitar a afirmação de que só se deve coleccionar esta ou aquela espécie de selos; outrossim, impõe-se expor, em cada caso, as vantagens e os inconvenientes de tal, ou tal forma ou espécie de coleccionação, dado que o que interessa é fazer filatelia e não derrotar este ou aquele tipo ou forma de coleccionar.

Se pusermos o problema de que só devem coleccionar-se selos novos, estamos a matar o coleccionamento dos selos obliterados e se, ao invés, impusermos o coleccionamento apenas dos selos obliterados, estamos a deitar por terra o coleccionamento dos novos.

O problema, cremos que deverá ser visto por prisma diferente: o de aconselhar tanto o coleccionamento dos selos novos, como o dos obliterados, que tudo é filatelia; e mostrar as vantagens e as desvantagens de cada uma destas espécies de coleccionação.

Feitas estas considerações, que cuidámos oportunas, vamos agora abordar, concreta e objectivamente, o tema que nos propusemos.

A Cerâmica é a indústria de todos os tempos
e hoje a mais moderna na sua utilização e
actualização técnica e aplicação prática

No campo decorativo as louças atingiram
um nível de excepcional beleza e qualidade

A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica

1 — Selos obliterados ou selos novos?

Os selos novos são os mais fáceis de obter — o que é uma vantagem — pois basta depositar determinada importância num comerciante filatélico que se encarregue da obtenção de novidades para, logo que os selos entrem em circulação, ele nos fazer o envio daqueles cuja coleccionação nos interesse, ou solicitá-los nós, directamente, para as Administrações Postais dos países a que esses selos respeitem, fazendo o respectivo abono ou pagamento por cheque ou cupão resposta internacional.

A par da vantagem apontada, surge o inconveniente de apenas se tornarem acessíveis a quem tenha largas posses, tanto mais que as Administrações Postais dos vários países são hoje férteis em, para obtenção de divisas, porem, constantemente, novas séries de selos em circulação.

Para os coleccionadores cujo fim principal de coleccionarem é a obtenção de medalhas nas exposições, sem que para isso tenham de dispender grande esforço mental ou de pesquisa, não há dúvida de que o selo novo tem a vantagem de manter integral a sua beleza e de ser, assim, pelo público que visita as exposições, por vezes com o intuito único de deliciar os olhos e marcar presença, mais apreciado — e não há dúvida de que a opinião pública pesa — mas, para um júri composto por filatelistas conhecedores e cônscio das funções que lhe foram cometidas, cremos que o prato da balança oscilará favoràvelmente para o lado dos selos obliterados, mormente quando se apresenta estudo feito através das obliterações, o que, como é óbvio, só é possível fazer-se nesta espécie de selos.

Em favor dos selos obliterados milita, em lugar destacado, o facto de tornarem possível coleccionar aos econòmicamente desfavorecidos da sorte — operários, empregados de magros proventos, professores primários e liceais, etc. — e também aos estudantes e às crianças, que não podem pensar em fazê-lo se derivarem para os selos novos.

Devemos acrescentar que, nos países da chamada Cortina de Ferro, nos Nórdicos, na Alemanha Ocidental, etc., hoje pràticamente quase só se coleccionam selos obliterados, nuns casos, pelas maiores facilidades que recebem do Estado, neste sentido incentivando-os, e noutros, porque entendem serem eles os que têm cabimento na filatelia pura.

A coleccionação de selos obliterados trás mais dificuldades que a dos selos novos pois enquanto destes se podem obter «ab initio» séries completas, os selos obliterados, quando a obliteração não seja de favor — o que é sempre condenável — temos de os ir conseguindo selo a selo e a dificuldade, em certos casos, para a obtenção da série completa, é enorme.

Também a obtenção de selos novos dos chamados clássicos é dificultosa e, para a maior parte dos selos que aparecem à venda, temos de estar precavidos e ter deles profundo conhecimento, a fim de não comprarmos, como autênticos, selos falsos, selos consertados, ou mesmo reimpressões.

Claro que a obliteração aposta sobre um selo clássico é mais um elemento de que o coleccionador dispõe, não apenas para estudo, mas para se defender das falsificações, muito embora deva ter-se em atenção que, quem falsifica selos, também falsifica obliterações e que há reimpressões carimbadas de favor.

Para o comerciante, o selo que mais lhe interessa vender é o novo, por duas ordens de razões: porque regra geral requisita-o em pequenas quantidades e consoante as suas necessidades para as administrações postais dos vários países ou por intermédio de outros comerciantes, sem a obrigação de ter grandes reservas e porque o selo usado tem tanta procura que, apesar de todos os esforços, lhe chega às mãos em pouca quantidade.

Consultámos, sobre o assunto, o mais antigo comerciante português, que é, sem dúvida, um dos mais conceituados, e, além dele, outros dois comerciantes; e todos nos disseram o mesmo, que a proporção de vendas do selo usado em relação ao novo era de 80 para 20 e que não era maior pela escassez do selo obliterado que é, em grande parte, apanhado pelos «papeleiros».

Para as suas transacções bancárias, para os seus depósitos,
para os seus descontos e transferências, lembre-se:
BANCO REGIONAL DE AVEIRO

2 — Selos novos — com ou sem goma?

Outro problema que se põe é o de saber se devem considerar-se selos novos tanto os selos com goma, como os selos sem goma, ou se só os primeiros.

E' certo que os catálogos a única distinção que fazem é a de selos novos e selos obliterados; mas, entre nós, e connosco comungam os filatelistas de vários países, tem-se entendido que o selo novo, mas sem goma, se cota como obliterado.

Razões que aproveitem a este raciocínio não as encontramos, dado que o selo não se coleccione pela beleza da goma mas pela da gravura e do estudo que, através dela, se pode fazer, muito embora haja coleccionadores que, em defesa do selo com goma, falem do brilho, que falta no selo depois de ser lavado; mas, razões contra, encontramos várias, das quais a mais importante é a de, nos países húmidos, os coleccionadores lavarem os selos novos, para os poderem coleccionar, e os valorizarem como novos.

Parece que estamos a querer ser mais papistas do que o Papa — como soi dizer-se — e bom seria que os coleccionadores, que pensam que selos novos são apenas os que têm goma, tivessem de ir desenvolver a sua actividade para um país húmido, para, então, «a fortiori», se darem conta da sua falta de razão ou das suas inconsciência e ignorância.

Acresce que a goma, por ser portadora de ferrugem, é, para muitos selos, a morte e, ainda reforçando o que já referimos, que há regiões e países em que os selos, antes de serem postos em circulação, se foram feitos com goma e vão ser aproveitados, têm de ser lavados — temos casos desses nos nossos selos do Ultramar e até o de, do mesmo selo, ter sido posta em circulação parte com goma e parte sem goma — e até casos em que os selos são emitidos sem goma.

Poder-se-á vir a dar o caso de os catálogos passarem a dar cotações para selos novos com goma, selos novos sem goma e selos obliterados?... Não; podemos afirmá-lo e, ao mesmo tempo, acreditar que os coleccionadores dos países e regiões de humidades constantes nos devem chamar ridículos, pobres de espírito e egoístas, pois, sendo obrigados a lavar os selos para os não perderem, terão, se vierem viver para o nosso país, em muitos casos, prejuízo enorme, derivado, afinal, apenas da nossa insensatez.

E, a dar-se o caso de o selo obliterado ter cotação superior à do selo novo — o que é vulgaríssimo — se um coleccionador nos apresentar um exemplar novo mas lavado, então o critério é diferente, pois cota-se o selo como novo... que é mais barato!... — porque o coleccionador por certo o que pretendia, tendo-o lavado, era roubar-nos! ..

E' de pasmar mas, infelizmente, é mesmo assim!

3 — Selos novos com goma — com ou sem charneira?

O outro problema que, no título deste artigo, prometemos abordar é o de, existindo selos novos com goma, com e sem charneira, saber se devemos dar maior valorização a estes últimos.

Há comerciantes que já começam a exigir pelo selo sem charneira mais 10 % do que a cotação inscrita no catálogo para o selo novo!

Os comerciantes julgam-se com razão porque, acima de tudo, são comerciantes — neste particular e no nosso entender, maus comerciantes — e pretendem valorizar a sua mercadoria, e aproveitar assim do pouco desconfinamento espiritual de certos coleciona-

Os produtos cerâmicos das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** são ensaiados trimestralmente no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Assim se afirma o escrúpulo do seu fabrico que garante a qualidade dos seus produtos.

dores que os procuram em busca de selos novos, com goma e sem charneira — até parece que os coleccionem com a goma para forel... — não se dando conta de que foram os fabricantes dos protectores transparentes «Hawid» e similares que, para melhor colocação do seu produto, orientaram nesse sentido a sua propaganda.

Em boa verdade, os coleccionadores que temos encontrado imbuídos de tal preocupação são principiantes ou coleccionadores de novidades...

Selos novos, com goma e sem charneira, relativamente antigos — e já não falamos dos clássicos — quem os possui em quantidades suficientes para 20 ou sequer 10 % das solicitações? Ninguém; podemos sem receio de contradita, afirmá-lo. Surge, então, o logro e vende-se o gato por lebre... lavam-se os selos para se lhes tirar a massa da charneira, regomam-se e o comerciante fica habilitado a servir o coleccionador exigente que queda radiante, porque leva o selo com goma e sem charneira, embora dando ao vendedor fraca ideia dos seus conhecimentos filatélicos.

E hoje é facílimo reformar selos e até colocar-lhes goma espêssa e «craquetée» e, com meia dúzia de pregos que durante dois ou três dias se deixaram metidos na goma antes de a utilizar dar-se a ideia de que os selos, onde ela depois é posta, possuem goma original e tão antiga que até mostra indícios de ferrugem.

Esta santa ignorância brada aos céus, que são, afinal, o seu reino.

Não queiram fazer-nos crer que, no futuro, os catálogos aparecerão com cotações para selos obliterados, para selos obliterados de favor, para selos novos sem goma, para selos novos com goma e marca de charneira e para selos que, pomposamente, poderíamos chamar virgens, isto é, com brilho e goma original não maculada por charneira.

O tempo dos onze mil virgens vai já distante e cada vez mais nos distanciamos dele...

E, para terminar, uma história edificante contada por um amigo: há dias, uma senhora entrou num estabelecimento filatélico de capital, para comprar determinada série de selos que pediu à empregada. Solicita esta, apresentou a série em causa mas a senhora repudiou-a porque os selos já tinham tido charneira. Pressurosa, a empregada foi buscar outra, de goma absolutamente virgem, que a cliente adquiriu. Então, a empregada perguntou: diga-me, minha senhora, como vai colocar agora a série na sua colecção? A coleccionadora l... retorquiu — mas evidentemente, como é costume, **com charneira...**

BIBRIA

Para as suas transacções bancárias, para os seus depósitos, para os seus descontos e transferências, lembre-se:

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

O grés é um produto cerâmico que, depois de cozido a uma alta temperatura, deve ser impermeável, indiferente ao ataque de ácidos e resistente, pelo menos, a uma pressão de 6 Kgs. por cm. 2. Por estas razões, é muito usado em obras de saneamento.

É mais um afamado produto das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** preferido pela maioria das Câmaras Municipais do País.

Além de materiais para construção, produzem ainda as **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** loiça sanitária, doméstica e decorativa, branca e de cor, em grés fino (quase porcelana).

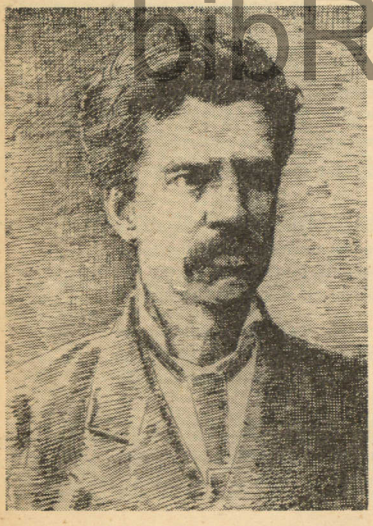
Tempo de Saudades

JOSÉ DE SOUSA

— um aveirense duplamente notável nos domínios da arte portuguesa

por João Sarabando

ESTAMOS nos fins de Novembro, primeiro mês dos frios cortantes e das grossas cordas de água, mês dos cemiteriais crisântemos e do reflorir magoado das saudades.
Paradoxalmente, os mortos que souberam viver, em glória ou num discreto anonimato, não saem do nosso espírito. Há sempre uma pétala, um pensamento para eles. Vulto duplamente notável nos domínios da arte portuguesa — porque foi medalhista de grandes méritos e um dos fundadores do famoso Centro Artístico Portuense —, José de Sousa, filho deveras ilustre de Aveiro, jamais nos esquece em toda a roda do ano, como se os mortos e não os vivos de facto mandassem...



Mal sabemos explicar esta permanente, esta quase obsidente atracção por uma figura hoje quase esquecida na terra onde abriu os olhospara a existência, onde viveu um profundo romance de amor e à qual, após longo apartamento, volveria para morrer. Será uma entranhada veneração pelos autênticos artistas que nos move? Aquele bem-querer à justiça que, afinal, anima ou devia animar todos os homens? Ao cabo e ao resto, talvez a fusão de ambos os sentimentos...

Nascido em 13 de Fevereiro de 1842, e não a 14 do mesmo mês como escreveu o seu principal biógrafo, José de Sousa, filho de António José de Sousa e de Mariana Joaquina de Sousa, deixou o mundo ao romper da madrugada de 13 de Julho de 1882. Ao sumirem-se as últimas estrelas dessa noite cálida de estio, apagava-se simultâneamente a « estrela » que presidira a uma breve mas assaz laboriosa existência de quarenta anos.

Como a fortuna, no dizer de Manuel Maria Rodrigues, lhe fora pouco propícia na terra natal, José de Sousa, pela mão cirenaica do consagrado jornalista e editor Anselmo de Morais, instalou-se no Porto.

Não vamos descrever aqui as andanças do aveirense na capital do Norte. Delas daremos fé, se tivermos vida e saúde, numa monografia singela mas votiva que estamos tentando escrever. Por agora, bastará vincar-se que, graças a uma inteligência viva e a um decidido gosto pelo trabalho, logrou tornar respeitadíssimo o seu nome no meio artístico onde luziam talentos e fulgurava o génio de Soares dos Reis...

Autor de várias medalhas, cerca de uma dúzia, entre as quais se destacam as comemorativas do tricentenário de Camões e da inauguração do monumento a José Estêvão — esta, infelizmente, por completar —, foi também exímio gravador em pedras finas e esmerado desenhador. Nesta última qualidade, colaborou com Soares dos Reis, Henrique Pousão, Marques de Oliveira, Sousa Pinto, António José da Costa, Tomás Soller, Júlio Costa, Torcato Pinheiro, José de Brito, Marques Guimarães e alguns outros artistas, tantos deles excelsos, num cartão de vastas dimensões, «A apoteose de Camões no seio da sociedade portuguesa dos séculos XV e XVI», destinado à exposição integrada nas comemorações centenárias do Poeta.

Medalha comemorativa da Exposição Vinícola de 1880, no Palácio de Cristal Portuense

Os nomes citados dispensam quaisquer comentários, avalizam só por si os méritos do artista aveirense. Lá reza o provérbio, as mais das vezes exacto como todas as sentenças populares: «Diz-me com quem andas, dir-te-ei o que vales»...

Mas uma parcela da glória de José de Sousa, e das maiores, advém da circunstância de ter sido um dos sócios instaladores do Centro Artístico, que tão larga influência exerceu, sobretudo no meio portuense e em especial na penúltima década do século XIX. Se mais não fora, a título de sincera ainda que desvaliosa homenagem, merece a pena anotar as individualidades que compunham os corpos gerentes da famigerada instituição, os colegas do malogrado aveirense no culto pela Arte. Vejamos... Direcção — Joaquim de Vasconcelos, presidente; António Cardoso e Silva Júnior, vice-presidente; Manuel Maria Rodrigues, 1.º secretário; Manuel

Medalha comemorando a inauguração do monumento a José Estêvão, em Aveiro

Duarte de Almeida, 2.º secretário; José de Sousa, tesoureiro. Conselho Técnico — António Soares dos Reis, Marques de Oliveira, António José da Costa, Tomás Augusto Soller, Custódio Rocha, Torcato Pinheiro.

A' linhagem artística, José de Sousa aliava, insofismàvelmente, a estirpe do carácter. Só assim se compreende a amizade que lhe votava tanta gente ilustre, a começar pelo estatuário do «Desterrado», para quem a Arte e a Honra eram indissociáveis, constituíam uma adoração.

Semanas depois do falecimento, a revista «Arte Portuguesa», por intermédio do crítico e romancista Manuel Maria Rodrigues e dos artistas Marques de Oliveira e Tomás Costa, prestou-lhe um comovido e derradeiro preito. Reproduzimos, nestas colunas, o desenho do mestre pintor Marques de Oliveira e as linhas que seguem, do artigo subscrito pelo popular autor da «Rosa do Adro»: «No vigor da idade, de uma organização robusta e de hábitos simples e morigerados, uma afecção pulmonar arrebatou-o deste mundo em pouco mais de um ano. José de Sousa reunia qualidades apreciáveis de carácter e de coração e uma modéstia que mais fazia realçar os merecimentos. Activo e infatigável nos esforços que cada dia empregava para alcançar uma reputação venerada na Arte, viu bem cedo apagar-se-lhe a luz da estrela que refulgia no firmamento do seu futuro laborioso. Sobre a campa modesta que encerra o seu cadáver, depomos penalizados as perpétuas da nossa eterna saudade.»

Desaparecido no meio-dia da vida, José de Sousa não pôde completar a mensagem bela e humana de que era portador. Confessou-o aos amigos dilectos e à esposa estremecida, D. Maria Henriqueta, filha do distinto advogado José Pereira de Carvalho e Silva e senhora de singulares virtudes.

Partiu amargurado do mundo o inesquecível aveirense — onde deixava a esposa bem-amada, a terrinha sempre querida, a Arte enfeitiçante. Mas não é sem uma pontinha de amargura também que nós vemos o seu nome quase olvidado por muitos e a sua obra incompreendida por tantos. Valha a verdade, nem todos lhe regateiam o pedestal a que tem direito e ocupa efectivamente nos páramos da arte nacional. Alguns há, todavia, e por sinal os menos abalizados, que o julgam pela rama. Além de o suporem alheio a Aveiro e de o apresentarem exclusivamente como

A EMPESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA é uma das maiores organizações de pesca do país, tendo ao seu serviço 1.050 empregados, operários e pescadores

medalhista, chegam, cúmulo dos cúmulos, a atribuir certos dos seus trabalhos a outros artistas. Desacertos de semelhante índole podem verificar-se, por exemplo, em volumes dos srs. Manuel Joaquim Pereira e Luís Garcia. O crítico de Arte sr. Fernando de Pamplona é nada feliz, igualmente, quando, numa das suas obras, alude a José de Sousa.

Graças à distinta senhora D. Berta da Rocha Martins da Cunha Azevedo, esposa do saudoso médico Armando da Cunha Azevedo e ligado à família da mulher do artista, possuímos duas magníficas fotografias onde este figura. Ilustrarão preciosamente a monografia em que estamos empenhado.

Para concluir esta já alongada crónica, diremos que várias medalhas do artista se encontram expostas em alguns museus e valorizam diversas colecções particulares. No de Aveiro, uma pequenina montra guarda uns tantos espécimes. Marques Gomes, benemérito da arte portuguesa, como escreveu Ramalho Ortigão, não consentiria uma ausência lamentabilíssima no estabelecimento de que era director e amorâvelmente organizara. De resto, num dos muitos volumes que publicou, fala-nos do artista plástico seu conterrâneo.

José de Sousa aparece inevitâvelmente citado em numerosos livros de Arte e a obra legada admira-se nos medalheiros dos museus. Apenas não se lhe descortina ainda o nome ilustre na toponímia da cidade onde nasceu e morreu, da terra que positivamente honrou e enobrece.

Bem sabemos que é extremamente débil a nossa voz e que o facto do artista passar a ter o nome gravado numa rua em nada lhe acrescenta a glória. No entanto, uma injustiça, por insignificante e mesmo irresultante que seja, é sempre uma injustiça. Oxalá quem de direito elimine aquilo a que se pode chamar ingratidão.

Além de materiais para construção, produzem ainda as **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** louça sanitária, doméstica e decorativa, branca e de cor, em grés fino (quase porcelana).

A cozinha do RESTAURANTE «**GALO DE OURO**» prepara os pratos regionais que o turista deve apreciar.

Se passar em Aveiro, entre no RESTAURANTE «GALO DE OURO»; o aroma dos seus cozinhados obriga-lo-á a jantar.

Telefone 23456

Uma entrevista com Luís Cândido Taveira

DIRECTOR DOS CTTU. CHEFE DOS SERVIÇOS DE VALORES POSTAIS DO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

QUASE seria milagre conseguir uma entrevista com Luís Cândido Taveira, o homem sempre assoberbado com os trabalhos inerentes às altas funções que brilhantemente desempenha no Ministério do Ultramar. Mas quis a sua amabilidade sacrificar alguns momentos dos seus raros lazeres para nos ouvir e responder às perguntas que lhe formulámos.

Julgamos oportunissima essa entrevista, que temos o prazer e a honra de arquivar nestas colunas. E, aqui também, deixamos desde já consignado o nosso reconhecimento pela deferência que nos dispensou o ilustre Director dos CTTU.

URIA

P. — *Todos sabemos que a filatelia portuguesa está a conquistar notável relevância em todo o Mundo. Supõe V. Ex.ª que, não obstante, os nossos filatelistas se tenham dado conta da importância da Filatelia como meio de propaganda nacional?*

R. — Certamente que os nossos filatelistas, que conheçam o que em todo o Mundo se está passando com a Filatelia, não podem deixar de concluir que os nossos selos estão sendo propagandeados por toda a parte e isto só pode significar propaganda do próprio País.

P. — *E, particularmente no que respeita aos selos do Ultramar, tem havido, na sua feitura, a preocupação de ultrapassar o valor meramente funcional do selo, transformando-os simultâneamente em valores de propaganda?*

R. — Evidentemente que sim. O selo postal tem uma posição de grande destaque no Mundo e por isso deve procurar-se bem aproveitar todas as qualidades de mensageiro artístico e cultural que tornam o selo postal um dos melhores veículos da propaganda de um país, levando a todos os recantos do Mundo aspectos das suas paisa-

gens, as figuras dos seus heróis, a evocação de datas célebres, a reprodução dos elementos mais representativos, da sua flora e da sua fauna, etc.

Não exageramos dizendo que ele nos tem servido para levar a todas as partes do Mundo a notícia de que Portugal não é apenas este cantinho da Europa em que vivemos.

Assim, todo o carinho que dedicarmos ao selo postal é serviço que prestamos ao país.

E, dentro deste princípio, estamos autorizados a afirmar que a função do nosso selo postal não se limita à franquia de correspondências.

P. — *Muito se têm dividido as opiniões, entre os filatelistas e desportistas portugueses, quanto à justeza da representação das diversas modalidades atléticas nos selos desportivos do Ultramar. Que terão dito os estrangeiros a respeito desta emissão?*

R. — Com a emissão dos «Desportos» pretendeu-se mostrar ao Mundo um certo número de desportos de facto praticados nas nossas Províncias Ultramarinas. É possível que nem todos os filatelistas portugueses tenham compreendido a nossa finalidade.

Quanto ao que no estrangeiro se escreveu a respeito desta emissão, pelo que nos foi dado ler em inúmeras publicações, podemos concluir que os objectivos visados foram plenamente alcançados.

As referências feitas atestam que a emissão dos « Desportos » é excepcionalmente variada, de uma incomparável beleza, bem desenhada e colorida, indo algumas publicações ao ponto de dizerem que estes selos são os mais perfeitos no género que até agora lhes foi dado ver.

P. — *Sente V. Ex.ª, como nós, que os aerogramas do Ultramar português, além de servirem o público, servem também a Filatelia e a Nação, esta, pelo conhecimento que leva, a toda a parte, dos produtos ultramarinos?*

R. — Com a emissão de aerogramas pretendeu-se proporcionar aos usuários do correio aéreo um serviço mais cómodo e económico.

Data de 1896 a fundação das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** em Aveiro — a sua área, já nessa época era considerável, por ser superior a 3 mil metros quadrados. Hoje, as suas instalações, espalhadas por três concelhos, ocupam uma área superior a 565 mil metros quadrados, dos quais 40 mil são cobertos

O público deu-lhes pleno acolhimento e, assim, a sua utilização vem sendo cada vez maior.

Como segundo objectivo, houve em vista aproveitá-los para uma útil propaganda dos assuntos do nosso Ultramar.

E assim é que neles se tem feito figurar o que se vai realizando ou produz em cada uma das nossas Províncias Ultramarinas.

P. — *No Continente, os C. T. T. lançam, este ano, um valor comemorativo do «VIII DIA DO SELO». Pensar-se-á em idêntica iniciativa, para o ano próximo, quanto ao Ultramar?*

R. — A ideia de se fazer um selo comemorativo do «Dia do Selo» há muito que a temos.

Porém, a realização desta ideia consistiria na emissão de um selo para cada uma das Províncias, evidentemente com motivos distintos; é a sua repetição, em anos sucessivos, conduziria à monotonia, o que o Ministério do Ultramar procura evitar.

Julgamos que o caso da Metrópole é diferente.

bibPIA

P. — *Após o início da circulação dos selos, os filatelistas só os poderão adquirir na Agência Geral do Ultramar ou na respectiva Província?*

R. — Talvez a pergunta possa significar o desconhecimento, por parte de muitos filatelistas, de que, ao sair uma emissão para determinada Província, são enviadas directamente pelo Ministério um certo número de colecções para todas as restantes Províncias. E de que assim poderão adquirir os selos que pretendam, não só na Agência Geral do Ultramar, mas também em qualquer das Províncias a que dirijam os seus pedidos.

Com isto tem-se em vista que os selos do Ultramar, ao serem postos à venda na respectiva Província, o sejam, simultâneamente, na Agência Geral do Ultramar e em todas as restantes Províncias.

O grés é um produto cerâmico que, depois de cozido a uma alta temperatura, deve ser impermeável, indiferente ao ataque de ácidos e resistente, pelo menos, a uma pressão de 6 Kgs. por cm. 2. Por estas razões, é muito usado em obras de saneamento.

É mais um afamado produto das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** preferido pela maioria das Câmaras Municipais do País.

SELOS

um artigo do DR. ANTÓNIO FRAGOSO

Da Academia Ibero-Americana de História Postal (Madrid) e da Lista dos Filatelistas Eminentes (Lisboa)

QUANDO ouvimos falar de selos — de selos para colecção — logo entendemos tratar-se daquelas pequenas estampas gomadas, que se humedecem pelas costas e depois se comprimem pela frente, para que melhor adiram ao endereço das correspondências postais. Efectivamente, foi por essas pequenas estampas — ou estampilhas, no antigo falar português — que principiou a sedutora arte da filatelia.

Mas a pequena estampilha dos nossos avós — selo postal *móvel* ou *adesivo*, como também se lhe chama, com inteira propriedade, na moderna linguagem filatélica — não foi o mais antigo modo de ser do selo de correio. Com efeito, já antes de 1853 e muito antes de 1840 — anos em que tais estampas foram criadas, respectivamente em Portugal e na Inglaterra, — já antes dessas datas se tinham usado selos de correio naqueles dois países, e noutros países mais, sobretudo da velha Europa.

Na realidade, o mais antigo selo inglês, anterior a 1840, e que foi também o primeiro em todo o mundo, nasceu precisamente em 1661. E os mais antigos selos portugueses, anteriores a 1853, apareceram no último quartel do século XVIII.

Ao contrário, porém, das estampilhas, — que são, como vimos, pequenos selos *móveis*, — o selo inglês de 1661 e o selo português dos fins do século XVIII foram selos *fixos*, inamomíveis, isto é, selos que, uma vez *colados*, já se não podiam *descolar* das cartas. Numa só palavra da linguagem corrente dos nossos dias, a semelhantes selos postais damos nós agora o nome de *carimbos*.

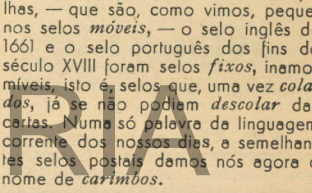


Fig. 1

A fig. 1 mostra-nos uma das doze vinhetas comemorativas do tricentenário daquele primeiro selo inglês; e nessa vinheta, e no seu lugar de honra,

Se é industrial ou comerciante ou necessita dos serviços bancários, recorra ao BANCO REGIONAL DE AVEIRO

lá se vê a reprodução dum carimbo imperfeitamente circular, que nos mostra apenas uma data, aliás reduzida aos indicativos do dia e do mês. Quer dizer, aquele primeiro selo de Inglaterra, de 1661, não passava de singelo carimbo datado, simples marca do dia, conforme agora se chama.

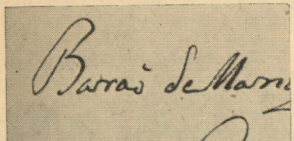


Fig. 2

A fig. 2, reprodução parcial do endereço duma carta de 1803, mostra-nos o primeiro selo português, pertencendo esta espécie ao correio de Aveiro. Quer dizer, os nossos primeiros selos postais, criados nos fins daquele século XVIII, não passavam de modestos carimbos que tinham por única legenda o nome da repartição do correio.

E não se julgue que sou eu, apaixonado coleccionador de *carimbos*, que estou aqui a forçar a nota, a reclamar as honras de selos para os meus humildes carimbos, a puxar a brasa para a sardinha da minha especialidade filatélica. — Em documento inglês de 1661, assinado pelo Correio-mor Henry Bishop, lêem-se as seguintes palavras, referidas àquele carimbo datado: «*A* **stamp** *is invented that is put upon every letter (...)*». Paralelamente, em circular de 1799, expedida pela nossa Superintendência Geral dos Correios e Postas do Reino e endereçada a todos os correios assistentes do País, podemos ler a seguinte frase: «*As marcas dos portes e o* **selo** *não devem sair do poder de V. Mcê (...)*». Excluídas as «marcas dos portes», aquele selo só podia ser o carimbo nominal da terra. (1)

São, pois, os documentos oficiais das respectivas épocas que conferem o título de *selos* ou de *stamps* àqueles carimbos de tão singela traça e tão sumários dizeres. Mas eu quero ainda acentuar que o velho carimbo inglês de 1661 e o nosso carimbo português de 1799 merecem, mais do que todos os outros, aquele nobre título de *stamps* ou de *selos*, consoante a língua em que nasceram.

Com efeito, enquanto os dois carimbos, mal que foram nascidos, logo se baptizaram com o nome de *selos* ou de *stamps*, nem sempre o mesmo se verificou com os selos adesivos que depois vieram. O famoso «penny» preto de 1840, por exemplo, — e conforme se lê nas margens das respectivas folhas — começou por se chamar «*label*», isto é, *rótulo*, *etiqueta*, *letreiro*, e só depois, e em obediência à

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA, fundada em 1928, tem sido a pioneira do progresso da pesca do bacalhau em Portugal:

— foi a primeira a enviar os seus lugres à Groenlândia
— foi a primeira a dotar os seus lugres com motores de propulsão
— foi a primeira a introduzir em Portugal a pesca do bacalhau por arrasto

bibRIA

voz do povo, é que definitivamente adoptou o mesmo nome de «*stamp*», do seu venerando avô de 1661.

Para arredondar o meu escrito e para completar a família dos selos de correio, devo aqui referir-me, embora em brevíssimas palavras, às modernas franquias mecânicas, nascidas em Portugal em 1950. Tal como os seus avós do século XVII, ou como os seus pais do século XIX, também estes jovens selos mecânicos do século XX merecem, por idênticas razões e com a mesma propriedade, o mesmo nome de selos. E se o selo, como as pessoas, é obrigado a vestir-se consoante a moda, que varia de século para século, a verdade é que a indumentária não modifica as funções que desempenham na vida as pessoas ou os selos. Por consequência, as franquias mecânicas têm de entrar, fatalmente, no quadro geral da filatelia moderna.

*

O primeiro substantivo do título deste boletim trimestral é a palavra **Selos**. Assim desacompanhada de qualquer determinativo, essa metade filatélica do título já nos deixa ver que nas páginas desta publicação se vai tratar de todos os selos de correio. Pois que Deus lhe conceda longa vida, tão longa como é longa a sedutora arte a que se vai dedicar.

Outubro, 1962.

---

(1) *Podem ler-se mais pormenores no meu escrito* Selos fixos, selos móveis... — *Porto, Imprensa Portuguesa, 1953.*

A próxima automatização duma nova secção de fábrico de telha e tijolo das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** de Aveiro lança este estabelecimento fabril na vanguarda da indústria nacional.

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradoiro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes. A **Fábrica Aleluia** produz azulejos da melhor qualidade.

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA possui em Agadir, Marrocos, uma moderna fábrica de *Conservas e Farinha de Peixe*

O RESTAURANTE «GALO DE OURO», DE AVEIRO, é o restaurante preferido pelos FILATELISTAS para as suas confraternizações pelo esmero do seu serviço e pelas delícias da sua cozinha
Telefone 23456

bibRIA

CARIMBOS COMEMORATIVOS DO

VIII DIA DO SELO

EMITIDOS HOJE — 1 DE DEZEMBRO DE 1962

para as nossas

PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

biblRA

PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

REGISTO

Isto de coleccionar selos...

FUTILIDADE
MANIA
UTILIDADE
RECOMENDÁVEL
DESPICIENDO

bibRIA

RESPONDEM:

DR. MELLO FREITAS

Juiz-Desembargador, aposentado. Publicista

O conceito sobre filatelia encontra-se suficientemente debatido e firmado em sólidos argumentos, tornando-se descabido repeti-los em abono de méritos e benefícios já indiscutíveis.

Longe vai o tempo em que os coleccionadores de selos pudessem ser alcunhados de simples maníacos, a par de tantos outros!

DR. JOSÉ TAVARES

Antigo Professor e Reitor do Liceu da Aveiro. Escritor e Publicista

Não sou filatelista, mas compreendo muito bem o prazer que deva sentir todo aquele que à filatelia con-

sagra a sua atenção e os seus lazeres, e não desconheça o alcance cultural dessa actividade.

A minha predilecção foi sempre para os livros. Estes de tal modo me fascinavam, que, ao terminar o meu Curso, já possuía, apesar de pobre, umas centenas de volumes. Era bibliófilo...

Serão manias a filatelia e a bibliofilia?

Assim as consideram, depreciativamente, aqueles que têm vida espiritual muito restrita ou nula.

Merecerão, no entanto, esse apodo, se das actividades do filatelista e do bibliófilo nada resultar de útil para o público; isto é, se as colecções de selos e as livrarias de cada um estiverem inexoràvelmente fechadas a quem, não podendo coleccionar, as pretenda consultar no intuito de enriquecer a sua cultura.

Pelo contrário, se o filatelista, em exposições e conferências, mostrar os benefícios culturais que as diferentes espécies podem transmitir ao grande público e se, por outro lado, os coleccionadores de livros consentirem que eles possam ser vistos e consultados por investigadores e por indivíduos sedentos de cultura, fàcilmente se compreenderá o enorme valor dessas tais *manias*.

Inúteis, portanto, e dignos de censura os avarentos que aos outros escondem as suas preciosidades filatélicas ou bibliográficas, que eles próprios muitas vezes só apreciam pelo que as espécies valem em dinheiro, e não pelo que contêm de ensinamentos.

BIBRIA

DR. ANTÓNIO CHRISTO

Advogado. Historiógrafo e Publicista

Encarada a Filatalia como simples paixão de *coleccionar* selos dos correios (e ela é também o estudo deles) e sendo eu um *coleccionador* (ainda que não de selos), só por isso poderá qualquer ser tentado a considerá-la mania...

Mas não é exactamente assim. Coleccionar — e, determinadamente, coleccionar selos dos correios — tanto pode ser mania, capricho, futilidade, distracção, como polimento do espírito, educação da sensibilidade, amor à Arte, sementeira de Beleza...

Verdadeiramente, só são *coleccionadores* os que reúnem conscientemente, dispõem criteriosamente, conservam ciosamente e estudam inteligentemente, para proveito intelectual (e até material) próprio e alheio. E

os verdadeiros *coleccionadores* (entre eles os *filatelistas)* bem merecem pelos serviços relevantes que assim prestam à História, à Ciência, à Literatura, à Arte ...

Não sei dizer por outra forma que considero a Filatelia uma manifestação superior do espírito humano e, daí, uma utilidade recomendável.

DR. FREDERICO DE MOURA

Médico. Escritor e Publicista

Permitam que me escape do espartilho interrogativo do vosso inquérito e lhes dê a minha opinião liberta de condicionamentos que a restrinjam.

Antípoda, como sou, do coleccionador sistemático, não posso deixar de ter ideias laterais ao vosso espírito ordenado e, desta forma, todas as calhas normativas me seriam penosas.

Assim, e prometendo ser breve e conciso como me solicitam, e até onde a minha capacidade de síntese me ajudar, quero dizer-vos que considero a actividade filatélica altamente meritória e agradável: meritória pelo que a filatelia representa, ao lado da numismática, da estragística, da epigrafia, etc., como subsídio das ciências históricas; agradável pelo que o selo pode exprimir de comunicação estética.

Na verdade, é fácil de prever o valor que terá, para os historiadores do futuro, a vossa beneditina actividade de hoje e, por outro lado, só uma opaca cegueira estética pode ficar insensível perante a beleza de um album que arquiva uma colecção de espécies filatélicas. Eu mesmo, não obstante a minha confessada obtusão para as minúcias da pinça, da lupa e da integridade das serrilhas, desejaria ser capaz de organizar uma colecção de selos comemorativos — manancial onde tenho encontrado exemplares que me prendem de encantamento — lamentando, sinceramente, não ter forças para ultrapassar a minha triste condição de *coleccionador de caixote*..

Mas, é claro que este lado positivo da vossa actividade não vos põe, totalmente, a coberto de uma degenerescência em *mania*, dado que as fronteiras da normalidade são bastante esbatidas e destituídas de alfândegas, por permitirem passos em falso. E toda a ideia fixa pode ser responsável por uma obnubilação do espírito crítico com uma consequente incursão nos

domínios do patológico. E isto é assim para a filatelia como o é para qualquer actividade apaixonante.

Não pode ser mais do que isto a opinião de um mero consumidor de selos ao postigo dos Correios que, às vezes, também não resiste a recortar um exemplar que o toca sensorialmente para o inumar, numa caixa de papelão, no fundo de uma gaveta...

Vagos, 20/XI/962

EDUARDO CERQUEIRA

Funcionário público. Jornalista e Historiógrafo

Eu que sou, por destravada anarquia de arrumação, bastante «amontoador» ou «ajuntador» de ninharias da minha predilecção, e, na vigorosa acepção do termo, coleccionista muito primário e canhestro, creio que coleccionar é sempre uma lineta útil — apesar da aparência fútil.

E, a todas as colecções, a que se me afigura mais sedutora — se excluir a das obras plásticas, já quase exclusivamente relegada para os museus públicos — é a dos selos. O carinho que exige para com as peças, delicadas e frágeis; a variedade de temas — ainda que nas temáticas —, e a do colorido, com nuances, por vezes, subtis, e a da concepção artística, e a da realização técnica; o que oferece de possibilidades de confronto e de opção selectiva na valorização estética ou nos primores gráficos; o que impõe de método e de observação paciente e minuciosa; o que entretem, e educa, e, até, nas suscitações que desperta, em larga medida, instrui, são alguns dos predicados que tornam tão aliciante a filatelia.

Aliás, o filatelista não procura razões para o ser. E', porque lhe dá prazer, porque gosta. As explicações vêm por sobejo, como para tudo o que é simpatia espontânea e afecto fundo e desinteressado. A filatelia é uma imolação de tempo e de dinheiro a uma predilecção de espírito e é, ao fim, de certo modo, um ideal que se serve, pertinaz e incansàvelmente, na intenção de alcançar melhor, mais completo, mais perfeito. Assim sendo, bem haja, porque bem merece, a filatelia.

biblRIA

DR. MÁRIO SACRAMENTO

Médico. Escritor, Crítico e Ensaísta

Não sou filatelista, mas também não sou anti-filatelista. E já me tem acontecido comprar colecções de selos para oferecer a amigos quando o tema da colecção ou a beleza dos selos me aliciam nesse sentido. Vejo assim na filatelia uma forma social de relações humanas em que cabe tudo, do melhor ao péssimo, pelo que só posso responder afirmativamente não só às perguntas feitas mas a tantas outras que poderiam juntar-se-lhes. O complexo económico, social, político e cultural das sociedades incide em todas as formas de relações humanas, matizando-as, e portanto degradando-as ou sublimando-as. Há assim na filatelia um pouco de tudo o que é humano, e só resta aos filatelistas cultos usarem da sua influência no bom sentido, que deveria ser, quanto a mim, o de repudiarem o selo feio, o selo reaccionário, o selo chavão, o selo lugar comum ou chá canasta, que preponderam sobre os demais...

Vejo assim na filatelia uma actividade estética e cultural a desenvolver em uníssono com tudo o que tende a elevar e melhorar o homem.

biblRIA

DR. ANTÓNIO GONÇALVES

Director do Museu de Aveiro. Crítico de Arte, Historiógrafo e Publicista

Coleccionar é uma afirmação humaníssima de personalidade — escrevemos no art.º «Colecções» do *Dicionário de Pintura Universal*. Embora as preferências e interesses de cada época se reflictam no gosto de quem colecciona — e poucos escapam ou à moda ou à emulação — reconhece-se que o móbil psicológico é a posse da espécie invulgar, do exemplar único, da obra rara. «O coleccionador é um artista que procura uma obra de arte, mas esta tem de satisfazer plenamente ao seu anseio pessoal e de o ajudar a perfazer a sua própria obra: a sua colecção» (Brimo). Cada galeria de obras de arte, cada biblioteca, cada colecção filatélica ou numismática denuncia as paixões, os sonhos, ambições, contingências, virtudes e capacidade do homem que pôde ajuntá-la — é sempre a *sua* colecção e, por isso, uma colecção *viva*, obra de selecção e contiguidade vincadamente pessoal. A arte de

coleccionar, estimulando o aperfeiçoamento intelectual e a cultura estética daqueles que a exercem, determina afinal o gosto de cada época.

Para além das agruras do nosso tempo, na universal vicissitude que, cremos, fermenta transcendente renovação das humanas gentes, abençoado pendor coleccionista que cria os numismatas, multiplica os filatelistas e revigora a aquisição de pinturas e outros artefactos. E se a arte mais comum de coleccionar verificamos ser agora a filatelia, arrisquemos a inofensiva previsão histórica (que é já regozijo) de considerá-la ócio característico, humaníssimo *timbre* da civilização novecentista.

MONS. ANÍBAL RAMOS

Reitor do Seminário de Santa Joana. Publicista

Considero a Filatelia com uma arte interessantíssima, pela variedade e riqueza dos seus aspectos, que vão desde o religioso ao artístico e etnográfico, e utilíssima pelos preciosos conhecimentos que desperta e pelo contacto permanente que provoca entre coleccionadores de todas as raças e nações.

biblioteca

A Cerâmica é a indústria de todos os tempos
e hoje a mais moderna na sua utilização e
actualização técnica e aplicação prática

No campo decorativo as louças atingiram
um nível de excepcional beleza e qualidade

A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica

A cozinha do RESTAURANTE «**GALO DE OURO**» prepara os pratos regionais que o turista deve apreciar.

Se passar em Aveiro, entre no RESTAURANTE «GALO DE OURO»; o aroma dos seus cozinhados obriga-lo-á a jantar.

Telefone 23456

SÓCIOS

da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos

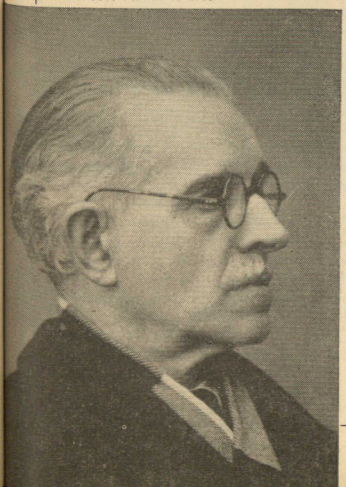
REGISTADOS EM 1 DE DEZEMBRO DE 1962

Honorários

Dr. José Pereira Tavares, Dr. Francisco José do Vale Guimarães

Efectivos

Coronel Diamantino Antunes do Amaral, José da Purificação Morais Calado, Carlos da Rocha Leitão, Eng.º Paulo Seabra Ferreira, Sargento Custódio Tavares, Dr. Nuno da Cunha Dias, Dr. David Cristo, Artur José Lopes Lobo, Jorge de Sousa Carneiro, Domingos de Carvalho Moreira, Alberto Casimiro Ferreira da Silva, Augusto Pinho Varela, Amilcar Henriques Gamelas, Álvaro Júlio dos Santos Magalhães, Manuel



Dr. José Pereira Tavares

Dr. Francisco José do Vale Guimarães

Pimenta Vieira, António Campos Graça, Manuel António Lopes, Rui José Gomes de Brito, José Portugal, Rui Jorge Abrantes, José Henriques dos Santos, Roby Marques de Almeida, António Luís de Almeida, António Augusto Galhardo, Joaquim da Silva Pereira Peixinho, Eng.º Alberto Carlos Bessa de Almeida Frazão, José Maria Barradas Cardoso, António da Costa Lima, Manuel Sancho Osório, Orlando Barbedo Rodrigues Trindade, Dr. Roberto Vaz de Oliveira, João Afonso Barbedo Trindade, Tenente José

BIBRIA

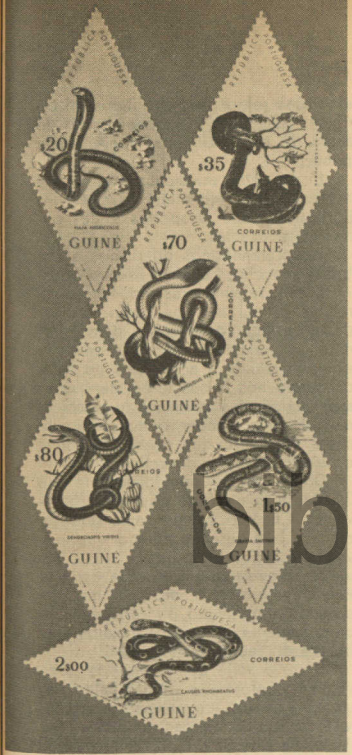
Maria Cardoso, Dr. Fernando Sobrinho Morais, João da Silva Campelo, Padre António Martins Belém, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, Manuel Luís Vieira Coelho, Eng.º Henrique Manuel Gonçalves dos Santos Marnoto, Francisco Pimenta Vieira, Alfredo Joaquim Ferreira Vaz Pinto, Eng.º João Carlos Fernandes Aleluia, Dr. Mário Gaioso Henriques, Mário Gonçalves Andias, Eng.º Joaquim Arnaldo da Silva Mendonça, Eng.º Armando Ferreira Madail, Raul Ferreira de Andrade, José Carlos Miranda Calisto, João Carlos de Andrade Correia de Almeida, Manuel Maria Andrade Ruivo, José Ferreira Estimado, Manuel da Silva Félix, José Laranjeira Marques, Augusto Vieira Decroock, João Vinagre Sucena, António Fernandes da Silva, Henrique da Cunha Pires Soares, Fernando de Sousa Botelho Rego, José António Mourisca Moreira Limas, Virgílio Teixeira Leques, Feliciano Pereira Marques Ferreira, Dr. Francisco José Barbado, José Carlos Ferreira Leitão, João Sarabando, Carlos Alberto Dias Marques, João José Picado da Naia, João Carlos de Oliveira Cardoso, D. Maria de Lurdes Madeira Ribeiro, Aurélio Madail de Oliveira, D. Maria Helena Raposeiro Henriques dos Santos, Joaquim Paulo Ferreira Relógio, José Guilherme Pinto dos Santos Monteiro, Jorge de Mendonça Corte-Real.

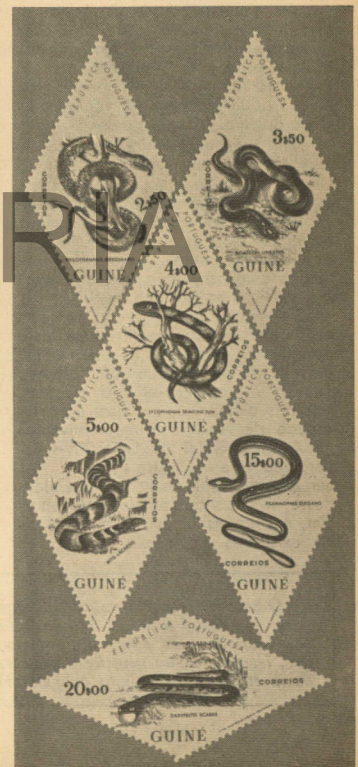
bibRIA

Sócios Auxiliares

Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho — Lisboa, José Rodrigo Dias Ferreira — Lisboa, Fernando Manuel Andias da Silva Carvalho — Lisboa, Miguel Pimentel Saraiva — Lisboa, Domingos do Sacramento — Lisboa, D. Maria Isabel Serra Vasconcelos Carvalho — Lisboa, Henrique Mantero — Lisboa, Amadeu Teixeira de Sousa — Aveiro, António Joaquim Correia Júnior — Porto, General Mário Nogueira — Lisboa, Dr. Jorge de Melo Vieira — Lisboa, D. Túlia Cândida Alves de Morais Calado — Aveiro, João Filipe Perfeito — Aveiro, António da Conceição Reis — Miranda do Douro, Jaime Mourisca Simões — Aveiro, Fernando Pereira Campos Corte-Real — Aveiro, Dr. Humberto Leitão — Aveiro, Dr. António Manuel Gonçalves — Aveiro, Dr. Orlando de Oliveira — Aveiro, Carlos Aleluia — Aveiro, Francisco Gonçalves Andias — Aveiro, Gervásio Aleluia — Aveiro, Manuel Lavrador — Porto, Mário Pedro Morais Calado — Angola, Eng. Francisco Soares Pinheiro — Aveiro, Eduardo Ala Cerqueira — Aveiro, Maria Fernanda Raposeiro Henriques Santos — Estarreja, Joaquim do Espírito Santo Pinto Amaral — Aveiro, D. Maria da Conceição Hernandez de Souza — Lisboa, Joseph Cohen — Lisboa, Egas da Silva Salgueiro — Aveiro, Carlos Grangeon Ribeiro Lopes — Aveiro, Mons. Aníbal Ramos — Aveiro, Dr. Pompeu Cardoso — Aveiro.

Novos Selos do Ultramar





O MINISTÉRIO DO ULTRAMAR mandou emitir e pôr em circulação um magnífico conjunto de selos para a Província da Guiné, composto de doze valores, em forma de losango e impressos a dez cores.

As suas dimensões são 61 × 30,6 e todos os valores foram impressos na Litografia Nacional, do Porto, e desenhados por Ibolya Salkovits.

biblRIA

A presente emissão será posta à venda, por todo este mês de Dezembro.

E' grande a satisfação que nos domina pelo facto de podermos arquivar no primeiro número de « SELOS & MOEDAS » a mais bela colecção de valores postais do nosso Ultramar, que temos visto.

Isto se deve a um feliz acaso: a circular anunciadora de tão grata notícia — acompanhada das fotografias que nos serviram para as gravuras que ilustram estas notas — chegou à nossa Redacção no oportuno momento de ainda poder entrar na composição deste Boletim.

Mal pensávamos nós, quando há dias estivemos na Agência Geral do Ultramar com o fim de entrevistarmos Cândido Taveira, o cérebro que comanda os Valores Postais e conduz as emissões dos selos ultramarinos, que tão brevemente seríamos presenteados com esta nova emissão de selos, de tão rara beleza!

E já agora, para que não pareçam exageradas as nossas referências, tanto no que diz respeito aos selos como à valiosa interferência de Cândido Taveira na confecção dos mesmos, seja-nos permitido dizer que, no curto espaço de tempo em que estivemos na Agência Geral do Ultramar à espera de que o ilustre Director dos Serviços dos Valores Postais nos atendesse, tivemos oportunidade de apreciar, em jornais e revistas estrangeiras ali existentes ao nosso alcance, as elogiosas referências que lhe eram dirigidas, sempre e quando emissões de selos do nosso Ultramar apareciam a público.

E' de notar, principalmente, os justos encómios referentes às séries das Borboletas, dos Desportos e das outras mais recentes.

Ao pretendermos referir-nos à sua benéfica acção, Cândido Taveira opôs-nos, em sua conhecida modéstia, uma recusa formal de nos ouvir. Delicadamente fugiu do assunto, para falarmos concretamente sobre a maneira como conduzia a confecção do selo, chegando nós à conclusão de que as suas exigências artísticas e técnicas não deixam escapar o mais insignificante pormenor que possa prejudicar a beleza e função do selo.

Dotado de um sentido de Arte que lhe transmite um forte poder de observação, Cândido Taveira, num relance, anota a falta de um pormenor que, por vezes, escapou ao artista.

E, porque assim é, porque assim o entendemos e verificámos, não nos surpreende a perfeição da série dos ofídios, sòmente admiramos a exuberante beleza do seu conjunto.

A nova série compõe-se de doze valores, conforme se verifica pelas gravuras, e as suas tiragens são as seguintes: de $20 - 3 milhões; de $35 - 2 milhões; de $70, $80, 1$50, 2$00 e 2$50 - 1 milhão de cada; de 3$50, 4$00, 5$00, 15$00 e 20$00, meio milhão de cada valor.

M. C.

VALIOSA OFERTA

O sr. Professor Doutor Adriano Moreira, ilustre Ministro do Ultramar, honrou a nossa Secção Filatélica com a valiosa oferta, para a sua biblioteca, de plaquetas referentes a diversas emissões ultramarinas, levando a sua gentileza ao extremo de mais as valorizar com a sua assinatura. Gratíssimos pela deferência.

Filatelia

Palestra de divulgação proferida pelo cronista filatélico

DR. JORGE DE MELO VIEIRA

em 11 de Agosto de 1962, no Salão Nobre do Clube dos Galitos

Ex.mo Senhor Dr. Francisco do Vale Guimarães

Ex.mo Senhor Presidente do «Galitos» de Aveiro

Ex.mos Senhores Dirigentes da Secção Filatélica e Numismática do «Galitos» de Aveiro

Ex.mo Senhor Presidente do Clube Filatélico de Portugal

Minhas Senhoras

Senhores

biblos

ESCREVEMOS algures e em tempos que, depois da Mulher, é o espírito a mais bela criação da Natureza. Assim, entendíamos então e entendemos ainda, que tudo quanto possa conduzir ao esclarecimento, — ao desenvolver do espírito, cultivando-o — é, sempre, obra meritória.

Não admira, pois, que gostemos de pensar, ler e discernir e de, pela escrita ou pela palavra, contactar e transmitir aos outros, o resultado desse discernimento.

Cremos não ser apenas pela leitura dos tratados que nos cultivamos pois, para os apreciarmos, nem sempre temos «bagagem» suficiente, mas que é fundamentalmente pela apreciação das coisas simples que a Natureza criou, ou por mera troca de palavras com pessoas mais cultivadas ou experientes, que atingimos esse objectivo.

Pensamos, às vezes, devermos talvez mais ao nosso pobre e paciente professor primário do que ao rico e austero Lente, que encontramos na Faculdade, embora a um e a outro ficássemos a dever muito, pela «bagagem» de luz que todos nos entregaram.

Ora, a Filatelia, que nos parece coisa comezinha e simples, tem, quando nela nos embrenhamos, aspectos de Cartilha Maternal e de Tratado!

Não custa repetir, nem é demais, que a Colecção de Selos é, mormente nos dias que vão correndo, mais do que uma enciclopédia pela imagem... pois bem é, pode dizer-se, um Tratado do Mundo!

Pensamos ainda e temo-lo como certo — não existir escaninho da Vida ou da Morte, que os selos não tenham penetrado!

O Homem e os outros animais, a flora, a terra, o mar e o Céu, a Arte, os grandes Homens e as grandes Descobertas, o petróleo, a Paz e a Guerra, e tudo o mais que o Génio humano desvendou ou espera desvendar — mas já vislumbra — os selos contêm!... Veja-se que nem o Sputnick e a Energia atómica lhes escaparam!...

Tudo quanto possa levar ao coleccionamento dos selos e conhecimento da Filatelia não é pois, embora possa a alguns parecer! ... — coisa de somenos importância. Dum e doutra irradia luz penetrante que, actuando sempre sem esforço e decisivamente, como asa benfazeja, leva (aos espíritos mais jovens ou subdesenvolvidos que se sentiram atraídos pela coloração ou pelos motivos dos selos, — que os vão esclarecendo e educando —) a possibilidade de desvendarem os novos horizontes do Desconhecido!

Mas não são apenas as crianças e os

Se é industrial ou comerciante ou necessita dos serviços bancários, recorra ao BANCO REGIONAL DE AVEIRO

O Dr. Jorge de Melo Vieira, proferindo a conferência, aqui transcrita, no Salão Nobre do Clube dos Galitos, em 11 de Agosto de 1962

ignorantes que beneficiam da coleccionação de selos e por isso, também, as pessoas idosas e as cultas se entregam à Filatelia, dado que há sempre matéria em que somos leigos e os selos versam todas as matérias.

Nunca foi por acaso que se criaram os aforismos e, o que vamos citar-lhes e é bem verdadeiro, a todos aproveita, aos ricos e aos pobres, aos cultos e aos ignorantes: — «coleccionar selos é o rei dos passatempos e o passatempo dos Reis», pelo que esperamos V Ex.as nele meditem e dele aproveitem.

Um romancista italiano de renome, que há mais de duas décadas fez furor entre a gente moça — mesmo do sexo que erradamente denominamos «fraco» — «Pittigrili», dissertando sobre os filatelistas, alcunhava-os de «internacionais do cuspo...»!

Veja-se que esta diminuição em que o referido escritor nos pretendia colocar, nos dá, afinal a medida exacta do seu talento, que não foi talvez suficiente para o colocar, mesmo na literatura do seu país, em lugar de grande relevo.

Felismente os anos correram e hoje já não entramos numa casa filatélica, envergonhados, receosos de que alguém nos veja e nos encontre descabelados, caricatos, maníacos ou pobres de espírito e, mesmo os que, em vez de entrarem para comprar selos os levam para transaccionar por venda, fazem-no desempoeiradamente, na certeza de serem portadores duma mercadoria que entrou no comércio, negociável como qualquer outra e não dum objecto que se negociasse como um penhor a troco duma esmola que envergonharia.

Jorge V de Inglaterra e os Soberanos que se lhe seguiram, Francklim Delhano Roosevelt, Antony Eden e um número infinito de homens de Estado, de intelectuais, de artistas e de grandes homens, muitos, é certo, falecidos, mas muitos, ainda vivos, encontraram na Filatélia o melhor lenitivo para o seu espírito e descanso físico e, estamos certos de que ninguém, por mais gracioso que seja, será capaz de alcunhá-los... profissionais do cuspo..., até porque o cuspo podia cair-lhes em cima e afogá-los na sua ignorância crassa.

Francklim Roosevelt tinha em tanta conta a Filatelia que escreveu, certa vez, a

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA
possui em Agadir, Marrocos, uma moderna fábrica de *Conservas e Farinha de Peixe*

um grupo de jovens filatelisias do seu país, nos termos seguintes: «Recomendo-lhes o coleccionamento de selos, não só como prazer mas, também, pela utilidade de ter despertado e conservado em mim, um interesse constante pela História e pela Geografia do passado e do presente. Sou filatelista desde os 10 anos e mantenho esta paixão por que lhe reconheço ainda e sempre, elevado préstimo como instrumento de cultura e, consequentemente, como factor de aperfeiçoamento humano».

E' certo que a Filatelia, depois de ter entrado nos paços reais, depois de ter subido os poucos degraus degraus da Casa Branca, invadiu as Universidades e hoje tornou-se índice do nível cultural dos diversos povos do Universo.

São — na verdade — os países mais civilizados aqueles onde vamos encontrar um maior número de coleccionadores e, se quizermos ir mais longe na nossa afirmação, podemos até dizer, que são as mais cultas personalidades dos países mais progressivos, as que figuram na vanguarda da coleccionação de selos.

Entre nós, por exemplo, e apenas para citar nomes que de todos são conhecidos, lembramos os seguintes: Professor Doutor Carlos Trincão, Coronel Victorino Godinho — há pouco infelizmente desaparecido para a Filatelia, para Aveiro e para o País e cuja saudade e falta todos sentimos — Professor Dr. Pires de Lima — e, note-se que este foi Ministro da Educação Nacional —, Professores Drs. Byssaia Barreto e Freitas Simões, Drs. Fernando Baptista da Silva e Vasconcellos de Carvalho, Almeida Dias e Almeida Figueiredo, Coronel Cardoso Salgado, Correia Júnior, Roberto Vaz de Oliveira, Dr. Lami, Sidónio Pais, Duque de Palmela, Eduardo Cohen e General Maia Nogueira, Marques Sena e Engenheiros Monteiro de Almeida e Almeida de A'vila e centos ou milhares de grandes Homens e grandes filatelistas, onde nem podiam faltar uns quantos Aveirenses aqui presentes — Morais Calado, Coronel Diamantino Amaral, Engenheiro Paulo Seabra, Carlos Leitão e Dr. David Cristo, que é como quem diz, a fina flor de Aveiro.

Como todos se aperceberam, por esta exaustiva enumeração, citei nomes alguns dos mais altos da Nação, pelo que sinto estar em boa companhia e prazer em ser coleccionador de selos e até em afirmar-vos que devo aos selos momentos dos melhores da minha vida, e amisades sinceras que muito estimo e prezo.

Tenho constantemente afirmado que a Filatélia é uma espécie de enciclopédia viva e actualizada e, realmente, assim é, mas mais; do princípio ao fim é completissimo tratado de história, de usos e costumes, de geografia política e económica, repositório figurado de todas as artes e ciências, História da Literatura, tratado de economia, finanças e filologia, um instrumento pedagógico que todo o mundo aprecia e conhece, mas que, entre nós, só desde há pouco começou a vir à tona de água!

Acima de tudo isto, a Filatelia é, ainda, aquele palavrão americano a que chamam «HOBY» — o botão mágico que por momentos nos faz esquecer agruras, preocupações e fadigas do labutar diário — transportando-nos a sonhos de 1001 noites, que julgamos perdidas mas, posso afirmar-vos que são ganhas, porque a colecção de selos é uma escola onde se aprende, se educa a beleza, o gosto e a metodização, se desenvolve a argúcia, se aprendem línguas, se cultiva o espírito e onde, migalha a migalha, se enriquece, além do património espiritual o económico e que pode servir-nos na velhice como na adolescência, em ocasião de aflição ou ainda de bragal aos filhos ou aos netos.

Hoje, então, e este hoje já data de há mais de meia dúzia de anos, a Filatelia subiu, no campo da cultura, às culminâncias — graças ao aparecimento das colecções temáticas e didacticas — pois, através delas,

A Cerâmica é a indústria de todos os tempos
e hoje a mais moderna na sua utilização e
actualização técnica e aplicação prática
No campo decorativo as louças atingiram
um nível de excepcional beleza e qualidade
A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica

vamos desenvolvendo cada vez mais o nosso conhecimento incipiente e transportando, com facilidade, aos outros, com pequenas legendas e ilustrado por selos, todo esse manancial inesgotável que começa nas artes e termina — se é que termina ...! nas ciência.

Recordo, agradàvelmente, que quando em 1959 se levou a efeito a I Exposição Filatélica para Principiantes, apareceram, entre outras, duas participações que tinham a pretensão de serem temáticas e, que nós, como o Sr. Dr. António de Almeida Figueiredo, criticámos vigorosamente.

Uma dessas participaçoes, de selos desportivos, apresentara-a Rolando Mendonça, a outra, de embarcações, a Sr.ª D. Maria da Conceição Hernandez de Sousa.

Rolando Mendouça nada percebia de Desportos mas, tinha imenso gosto pela filatelia e, atento às nossas críticas, procurou-nos e procurava todos os filatelistas e desportistas que pudessem dar-lhã uma achega e, quando voltou, passado pouco tempo, a participar noutra Exposição, já levava, embora na infância, uma temática desportiva.

De então para cá, quase se contam por medalhas de prata ou de «vermeil» as apresentações que dela tem feito nas várias exposições a que a tem levado, sendo agora uma senhora colecção, dado que desceu ao pormenor e a foi desenvolvendo por forma tal que, salvo erro, abrange mais de 300 folhas de album.

A temática da Senhora D. Maria da Conceição Hernandez de Sousa, depois de criteriosamente modificada e ampliada, correu dali para a Exposição de Barcelona, onde foi premiada, passou seguidomente pela «Lisboa 60» onde foi galardoada com medalha de ouro e o prémio destinado à melhor estruturação temática e, ultimamente, foi exposta em lugar de honra na I Exposição de Divulgação Filatélica de Braga, o que cremos, serem títulos suficientes para dar a V. Ex.as uma ideia da altura em que está colocada.

Mas, entre nós, há hoje umas dezenas de colecções temáticas que, se não são de alto valor em função das peças com que estão construídas, o são pelo desenvolvimento temático — o que afinal mais valor e interesse tem nesta espécie de coleccionação —, também pelo ineditismo de algumas delas e, pelos ensinamentos, mesmo abstraindo os filatélicos, que, quando expostas, transmitem a quem as aprecie.

Gostariamos de falar-lhes mais de espaço das colecções temáticas que são, no momento que passa, as «BB» da Filatelia, mas isso terá de ficar para outra ocasião, visto que o assunto convem ser abordado, para mais fácil apreensão, em face de colecções devidamente estruturadas, que aqui não temos e, para coleccionadores já lançados ou que pretendam lançar-se em tal espécie de coleccionação, os quais, estamos certos, não tardarão em surgir e, em larga escala, no meio aveirense.

Convém, apesar de tudo, num ligeiro apontamento, dizermos aos que o ignoram, o que é a coleccionamento temático.

Na Filatelia — como em tudo — houve evolução e dentro dela podemos dizer que o aparecimento das temáticas foi feito dum jacto.

O coleccionamento dos selos, principalmente a partir da 2.ª Grande Guerra Mundial, mercê, talvez, de milhares de refugiados ao fugirem dos seus países não terem esquecido as suas colecções de selos que, por onde passavam, iam transformando em pão, tomou notável incremento.

Assim a procura ultrapassou a oferta e, na impossibilidade de contentar todos os coleccionadores, os selos subiram em cavalgada vertiginosa na Bolsa Filatélica Mundial.

Deram-se os Estados conta da ocorrência e, principalmente aqueles que estavam

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA, fundada em 1928, tem sido a pioneira do progresso da pesca do bacalhau em Portugal:

— foi a primeira a enviar os seus lugres à Gronelândia
— foi a primeira a dotar os seus lugres com motores de propulsão
— foi a primeira a introduzir em Portugal a pesca do bacalhau por arrasto

biblRIA

Durante a sessão de homenagem ao Dr. Vale Guimarães, realizada, em 11 de Agosto de 1962, no salão nobre do Clube dos Galitos. Da esquerda para a direita: Morais Celado, Presidente da Secção Filatélica e Numismática; Dr. David Cristo, apresentando o conferencista da noite, Dr. Melo Vieira; Dr. Mário Geioso, Presidente da Direcção do Clube dos Galitos; Dr. António Gonçalves, Director do Museu de Aveiro; Dr. Vasconcelos Carvalho, Presidente do Clube Filatélico de Portugal; e o homenageado

deficitários de divisas logo descobriram meio de as conseguir lançando, à compita e a êsmo, belas e vistosas séries de selos na circulação e fazendo a propaganda do coleccionamento do selo novo e, assim, o escoamento era mais certo, seguro e rápido.

A «Cortina de Ferro» foi brilhante neste capítulo e os Estados ultimamente nascidos, aprendendo bem a lição, viram nos selos uma tal fonte de réditos que o Ghana, por exemplo, e como ele outros, estabeleceram nos Estados Unidos «bureaux» especiais, onde segundo temos ouvido, os selos chegam a ser vendidos ainda antes de entrarem em circulação nos respectivos países.

Houve, pois, a necessidade de, para atenuar os efeitos que resultavam para os coleccionadores de selos à maneira clássica — por datas e países — os quais nuns casos se traduziam na falta de selos para todos contentar e noutros de opor um dique à catarata de selos que diàriamente eram lançados no mercado mundial e para a compra dos quais não havia dinheiro que chegasse, houve, como iamos dizendo, necessidade de procurar atenuar esses efeitos o que, ao menos temporàriamente, parece se conseguiu como advento das colecções temáticas e didáticas.

Mas, como terão ocasião de verificar, o surto das temáticas e didáticas é, afinal, o sinal dos tempos que tudo marca com o mesmo ferrete!

Do coleccionamento à maneira clássica

que nos proporcionava elementos de cultura geral, passou-se para as temáticas e didáticas — para um campo de especialização — em que se pega num assunto e, com base no conhecimento, se desenvolve, por assim dizer, até às últimas consequências, numa especialização tanto mais profunda quanto a nossa «bagagem» intelectual e meios colocados à nossa disposição.

As temáticas são, assim, de aconselhar que se dirijam para campos em que temos vocação ou dentro das profissões que escolhemos para que, profundando-os sempre, através delas consigamos, nesse sentido, melhorar a nossa capacidade.

Quase contemporâneo do aparecimento dos selos pode localizar-se o seu coleccionamento.

Foi na Inglaterra que graças a Sir Rowland Hill, se empregou pela primeira vez, na franquia da correspondência, o selo de correio, o selo adesivo.

Nesses primeiros tempos e, em Inglaterra, até à actualidade, sempre os selos tiveram, como motivo único ou principal a efígie do Monarca reinante e, assim, pelos selos de Inglaterra foram passando, sucessivamente, as efígie da Rainha Victória, de Eduardo VII, de Jorge V, de Eduardo VIII, de Jorge VI e, na hora presente, a da Rainha Isabel II.

Em todas as monarquias do tempo se adoptou o mesmo figurino e, em Portugal, porque em 1853 quando apareceram os selos — era D. Maria II que reinava, foi a efígie dela que veio a servir de medalhão dos selos e por eles foram passando depois, sucessivamente, até ao advento da República, em 1911, as efígies de D. Pedro, D. Luís, D. Carlos e D. Manuel II.

Porque, como referimos, os selos se coleccionavam por países e cronològicamente, a colecção de selos era um autêntico «Livro de Linhagens Mundial» e interessante ponto de partida para o investigador e para o estudioso, mas mais, em muitos casos, uma panorâmica, embora primária, é certo, da História Universal.

A França, país cuja história e cuja cultura desde sempre nos encantaram, pela qual quase se pode dizer que nestes, como como em todos os campos, nos apaixonámos, logo avançou no tempo, pois, começando por transportar para os primeiros selos a figura de Ceres, só num curto período — 18 anos — inscreveu neles a «figie de Napoleão III (1852 a 1870), passando, depois, a uma alegoria «Paz e Comércio» e voltado seguidamente à «Ceres».

A partir de 1914, da I Grande Guerra Mundial, portanto, pode dizer-se que a França, nos selos que nos deu, fez o milagre de tocar em «tudo» e em «todos», bem podendo servir e na verdade tem a muitos Estados servido, de paradigma e, também, de fonte ao estudioso em qualquer campo, seja ele o da Arte, o da Ciência, o da Cultura ou, simplesmente, o da Política ou o da Religião.

Desde o Grande Imperador Napoleão ao actual General De Gaule, passou pelos selos da França uma autêntica multidão de Homens de Estado, entre os quais não foram esquecidos Clemenceau, (o Tigre), Richelieu, Paul Doumer, Aristide Briand, etc, homens que deram prestígio e glória à França e que todo o mundo conhece.

Mas não foram só os homens de Estado que passaram pelos selos franceses, pois Joana d'Arc, Madame Sévigné, Eve Curie, Madame Staël, Pompadour, Sarah Bernhardt e

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradoiro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes.
A **Fábrica Aleluia** produz azulejos da melhor qualidade.

Data de 1896 a fundação das **Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos,** em Aveiro — a sua área, já nessa época era considerável, por ser superior a 3 mil metros quadrados. Hoje, as suas instalações, espalhadas por três concelhos, ocupam uma área superior a 565 mil metros quadrados, dos quais 40 mil são cobertos

outras mais, que iluminaram o mundo das letras, das artes, das ciências ou que influiram decisivamente na política da França, ficaram gravadas, em talhe-doce, nos selos que correm mundo.

Os heróis da Resistência, os Castelos do Loire, Chartres, Reims e a Madeleine, os sábios, os cientistas, os escritores, os artistas, os estaleiros e os grandes navios, e toda a vida política e cultural da França, os selos têm vindo, pelos anos fora, a focar, a reproduzir, a retratar.

E' engraçado e interessante, pelo menos para quem conhece Paris, percorrendo uma colecção de selos franceses, ir encontrando neles: a Notre Dame, as majestosas pontes sobre o Sena, a Torre Eifel e os Inválidos, o Túmulo de Napoleão, o Arco do Carroussel, o Louvre e o Jardim das Tulherias, o Obelisco da Praça da Concórdia e a E'toile com o seu Arco do Triunfo, onde a «Marselhesa» foi belamente esculpida, pois, olhando-os, matamos o tempo e, algumas vezes, recordando, matamos saudades.

Os selos portugueses, após o advento da República, abandonaram a efígie dos Reis e, como em França, surgiram com a figura de Ceres.

Mas, em 1923 e em boa hora, mercê do feito inolvidável dos grandes pioneiros da Aviação — Coutinho e Cabral — que ligando o velho ao novo continente, pelo ar, fizeram a travessia do Atlântico Sul, foi emitida uma bela série de selos comemorativos que, pelo mar, pela terra e pelo ar, correram a filar ao mundo no feito dos heróis e a dizer-lhe que, embora separados, os países de Epitácio Pessoa e de António José de Almeida — cujas efígies também se viam nos selos — tinham a mesma forma de sentir, eram irmãos e, de mãos dadas, se glorificavam no mesmo feito.

Pocos anos volvidos surgem-nos as séries comemorativas de três dos mais ilustres portugueses de todos os tempos — Pombal, Camões e Camilo — e, em 1926 e anos seguintes, as três séries da Independência que, como as anteriores, encheram de luz e de cor os albuns de selos de Portugal.

Mas, após este período, a que podemos chamar brilhante, deitamo-nos à sombra dos louros, fizemos descer do Céu à Terra todos os Santos e Santas e, não só nos esquecemos dos nossos feitos, como dos muitos varões ilustres que tivemos, pois Bocage, Herculano, João de Deus, Afonso Costa, Paiva Couceiro, Gomes da Costa, Norton de Matos, Carvalho Araújo, António Nobre, Eça de Queirós, Júlio Dinis e muitos mais, no número dos quais se conta o vosso José Estêvão Coelho de Magalhães, continuam olvidados e ignorados do Mundo!

Os próprios monumentos que possuimos e são belos, e os homens enormes que tivemos, nos selos que produzimos, sairam insignificantes ou anões!

Os selos que nos mostram Nun'Alvares Pereira, o Templo de Diana e a Sé Velha são de tamanha mesquinhez e pobreza, que melhor fora tivessem ficado para época em que alguém, com mais carinho, conhecimento, jeito e talento, os trabalhasse.

Aveiro, mesmo, quando foi do Milenário, teve um selo incolor, em vez dos selos a que tinha juz, em que se mostrasse a Ria e seus moliceiros, as pirâmides de sal nas salinas, as porcelanas e muitas outras belezas, no número das quais se contam as tricanas de Aveiro, os quais, correndo mundo, lhe angariassem turismo e fama.

Quisemos mostrar-lhes, em pinceladas largas, que o coleccionamento de selos à maneira clássica, pode ser, e é, a um tempo, compêndio de história, tratado de arte, um manacial de acontecimentos e de conhecimentos e, no seu conjunto, uma ciência auxiliar de outras ciências, que nos permite um renovar constante de cultura geral, quando não um aumento de conhecimento que se traduz na ampliação dessa cultura.

Falemos agora do neo-coleccionismo.

As colecções de assunto ou de motivo, as temáticas e as didácticas, são aquelas que são construídas sem obediência à cronologia, outrossim que tomam por base o motivo que ilustra o selo ou a finalidade da sua emissão.

A colecção temática, talvez a mais importante, é, como o próprio Regulamento a define, a estabelecida segundo um plano de-

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA
possui em Agadir, Marrocos, uma moderna fábrica de *Conservas e Farinha de Peixe*

terminado, e, seguindo um tema — ideia orientadora —, inspirado pelos assuntos que ilustram os selos ou pela finalidade das suas emissões.

E', em suma, a exposição duma tese, a ilustração duma ideia, feita através dos selos.

A colecção didáctica é, por assim dizer, uma temática profunda, pois desenvolve o tema e estuda o assunto em todos os detalhes, tendo em mira, acima de tudo, um carácter e uma função educativos.

Como se patenteia, é mais um campo aberto à cultura, mas, embora essa cultura seja feita em profundidade, o campo é restrito, é limitado, reduzido a um tema, a um motivo e, daí, o ter-lhes dito que elas conduziam à especialização, maior ou menor, consoante a vontade, as posses e os conhecimentos do coleccionador.

Ilustremos o assunto com exemplos para que possam dar-se conta da sua imensa simplicidade, em certos casos, e extrema dificuldade noutros.

Como lhes referi, trata-se dum campo de especialização.

Por hipótese, vamos supor que o tema escolhido foi o religioso.

Num primeiro escalão, podemos abranger todos os selos que se refiram à religião mas, num segundo, apenas os que se refiram à religião cristã.

Especializando um pouco mais, podemos escolher depois os selos que tenham por motivo santuários ou obras de arte sacra — incluindo neles os quadros, ou, ainda e apenas, os que reproduzam imagens de santos.

Esta é, sem dúvida, a figuração actual, mas cremos que, com a tendência que existe na actualidade, de todos os selos serem motivados, dentro de pouco tempo, tal é a multiplicidade, que, por certo, a tendência será outra, a de uma maior especialização, acabando, por exemplo, por se colecionar — o que não será isento de dificuldades — apenas os selos que tenham por motivo ou Santo António, ou Nossa Senhora, ou ainda os que se refiram à Virgem e ao Menino Jesus.

Parece-nos que o ideal será partir-se do particular para o geral, isto é, servindo-nos do exemplo posto, — de selos com Nossa Senhora para todos os selos com motivos de religião cristã.

Por esta forma, temos possibilidade de dar maior brilho ao tema escolhido, de não fracassarem as nossas possibilidades económicas e de, degrau a degrau, chegarmos a uma temática realmente *esplendorosa*, pois, só esgotado o tema «Nossa Senhora», deitaremos a mão de outro para o ampliarmos, a «Virgem e o Menino», para mais tarde seguirmos, por exemplo, com os selos motivados com «S. José», e assim por diante.

Supomos termo-nos feito compreender no exemplo dado e que este tema será o ideal para os que se entregarem à religião mas, cada coleccionador, consoante a sua profissão, o seu talento e os seus conhecimentos pode, em função deles, escolher o tema que entender e mais desejar para ir desenvolvendo.

Aos literatos não faltam selos com escritores de renome em todo o mundo; os historiadores encontram a cada passo reproduzidos nos selos factos do passado e monumentos, a que podem dedicar a sua atenção: as senhoras podem entreter-se com os selos com mulheres talentosas, lindos bébés, porcelanas, cristais, jóias, rendas e flores; os zoólogos e botânicos têm vasto atlas de reprodução filatélica de todas as espécies da fauna e flora mundiais; e os artistas, desde a Catedral de Chartres ou de Reims, à Esfinge e Pirâmides de Keops, Kefren e Mikerinos, à Mona Lisa ou à Victória de Samothrace, encontram, nestes pequenos, mas belos rectângulos de papel, que tanto lhes devem, um mundo de maravilhas.

Esqueci-me de referir os cientistas que são, afinal, aqueles que, para se manterem em dia com o que se passa em todo o mundo, no campo das ciências, mais precisam dos selos, pois neles tudo encontram, desde Galileu a Einsten; de Ampére a Edison, ou de Lumière a Marconi; do ano geofísico e voos orbitais, à Leica e a Glenn, que feito heróis, os jornais já candidatam à Presidência da República do Novo Mundo!

As palavras são como as cerejas, diz o povo e, abusando da benevolência de V. Ex.as, fui demasiado longe, o que espero e peço me relevem.

Permitam, pois, que justifique a minha presença, aqui ao menos como atenuante, no vosso julgamento final.

Se é industrial ou comerciante ou necessita dos serviços bancários, recorra ao BANCO REGIONAL DE AVEIRO

Solicitou-nos a Direcção da Secção Filatélica do «Galitos» que viessemos a Aveiro fazer uma palestra, e mercê, quer da nossa vida profissional, quer dos poucos — para não dizer nenhuns — conhecimentos de filatelia, pedimos escusa.

Depois, a mesma Direcção, sempre generosa e amiga, deslocou-se a Lisboa para nos convencer. Dizer «não» tem sido toda a vida doloroso para nós e verdadeiramente impossível, quando amigos como Morais Calado, Carlos Leitão e Eng.º Paulo Seabra, que todos muito prezamos, sabem pôr os problemas como eles o fizeram. Porque prometemos vir, aqui estamos, não para lhes falar de filatelia, que é ciência vastíssima, de que, se conhecemos alguma coisa, são apenas os rudimentos, mas, ao menos, para, com sinceridade, lhes confessarmos alguns dos motivos por que somos «filatelistas» e na esperança de que, por esta forma, consigamos, ao menos, um novo adepto, o que será uma real conquista e motivo mais do que suficiente para nos convencermos de que, afinal, valeu a pena vir aqui tomar-vos um pouco de tempo, abusando é certo, da vossa paciência.

Devemos à Filatelia relevantes e importantíssimos serviços, dos quais o maior de todos foi o de conseguirmos amizades de ricos e de pobres, de analfabetos e de cultos, mas todas as pessoas de bem, de gente séria e honesta, ansiosa dum mundo melhor para todos, sentindo amor pelo próximo, ânsia e necessidade de fazer bem. A Filatelia, acreditem, é uma escola de Generosidade e Solidariedade.

Começámos cedo, antes dos 10 anos, a embrenharmo-nos no coleccionamento dos selos.

Coleccionando selos fomos distinguindo, para além das cores do arco-íris, infinidade de «nuances», que os leigos em Filatelia, regra geral, não dominam, fomos habituando os olhos à beleza que dimana de cada um daqueles pequenos rectângulos de papel que, colados nas cartas, correm mundo; fomos aprendendo a ser metódicos e arrumados, porque para, se coleccionar selos, forçoso é ser-se arrumado e metódico; fomos forçados a emprestar beleza a uma folha de album, distribuindo nela, com harmonia, por vezes assimétrica, os selos que, por troca ou oferta, chegavam às nossas mãos; habituámo-nos a guardar, ciosa, mas carinhosamente, a colecção de selos sobre que nos debruçávamos, horas e horas, esquecidos de tudo o mais que nos rodeava; aprendemos ainda a escrever, nas folhas de album, com mil cuidados, e letra apurada, os conhecimentos que rebuscavamos em catálogos e livros de divulgação.

Esta foi, digamos assim, a parte menos importante que para nós resultou do coleccionamento de selos, pois, na parte respeitante ao espírito, as benesses foram, como verão em seguida, bem maiores.

Aprendemos História, aprendemos Geografia, aprendemos Desenho e, para sermos franco, temos, graças aos selos, mantido sempre actualizada aquela «bagagem» de conhecimentos rudimentares que qualquer rapazinho tem ao terminar o curso dos liceus.

Cremos, até, conhecer hoje mais francês e mais inglês do que quando terminámos o 7.º ano, e isto graças aos selos, que nos obrigaram e obrigam a manter correspondência nessas línguas, com povos das mais distantes regiões do globo.

No campo pròpriamente material, pudemos verificar que os selos são de valor incomensurável e de rendimento sem competidor ou, sequer, parceiro.

Se compulsarmos, em anos sucessivos, catálogos de selos, verificarmos que, de ano para ano, a valorização dos selos nunca é inferior a 10 % mas que, em muitos casos, há selos que sofrem aumentos de 100 %, 200 % e mais.

O coleccionador que, pacientemente, ano após ano, se der ao trabalho de fazer a cotação de todos os seus selos, verá, admi-

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA, fundada em 1928, tem sido a pioneira do progresso da pesca do bacalhau em Portugal

— foi a primeira a enviar os seus lugres à Gronelândia
— foi a primeira a dotar os seus lugres com motores de propulsão
— foi a primeira a introduzir em Portugal a pesca do bacalhau por arrasto

rado, que, globalmente, a sua colecção se valorizou em 30 ou mais por cento.

Não conhecemos, franca e sinceramente, nada que tanto se valorize como o selo.

E já o temos referido por várias vezes e nunca é demais afirmá-lo: — o selo é a única moeda que circula em todos os países, é — acreditem — a única moeda forte do mundo!

Numa colecção de selos, mesmo insignificante, que hoje seja encetada pelos nossos filhos ou pelos nossos netos, pode ser, e é de certeza, no fim da sua formatura, a possibilidade de montar consultório ou abrir banca ou de, na véspera do casamento duma filha, se ter conseguido um dote sem se sentir.

Um conselho se impõe, produto da experiência: — ao iniciarem uma colecção, não comprem selos, ou comprem, apenas, selos de valor, pois doutra forma, se, passado um ou dois meses, os quiserem vender, dar-lhes-ão por eles a décima parte do que gastaram e, sentindo-vos roubados pelo comerciante filatélico, não mais coleccionarão selos

Se, ao invés, fizerem, desde o início, uma colecção com selos que, apenas por dádiva, forem conseguindo de amigos e conhecidos, quando tiverem necessidade de vendê-la, sentir-se-ão satisfeitos, porque tudo quanto por ela obtiverem é lucro e não mais deixarão de coleccionar selos

Se conseguirem que passem meia duzia de anos conservando-a, então os selos que, depois comprarem já não serão vulgares e qualquer comerciante, em qualquer altura, lhos voltará a comprar com uma desvalorização que não poderá já traduzir-se numa desilusão, e que às vezes se traduz em lucro.

Para nós, como já referimos, a maior valia da colecção de selos opera-se no campo social, quando nos irmanamos com pessoas de condição assás inferior ou assás superior à nossa, de credos ou religiões absolutamente opostos, de conhecimentos inteiramente distintos ou distantes e, dando-nos as mãos, nos sentimos iguais e nos ajudamos mùtuamente.

A solidariedade e a fraternidade, mesmo nos tempos que vão correndo, não são, para os filatelistas, uma palavra vã!

Chegámos ao fim da caminhada e, se nos permitem, as últimas palavras são para as Senhoras:

Muitos de nós, filatelistas, temos, de certa altura em diante, quando temos posses, ou a idade já vai adiantada, um «capricho» caro, ao qual ofertamos casacos de peles, ninho apropriado, jóias de alto preço e automóvel, e até levamos a viajar ao estrangeiro; mas, diga-se de passagem, — um «capricho de amor» que nos prende ao lar e nos retém junto da mulher e da familia — a colecção de selos!

Pedimos, assim, às Senhoras que nos escutam para, quando os maridos lhes aparecerem a desoras e, com palavras meigas, lhes disserem que se demoraram por estarem a ver uma colecção ou a trocar selos com amigos, os acreditem, pois nós somos coleccionador e, por experiência própria, podemos dar-lhes segura garantia de que falam sempre verdade, devendo, por isso, ser entendidos, acarinhados e apreciados por Vossas Excelências.

A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.DA
POSSUI UMA FROTA DE:
— 6 arrastões para a pesca do bacalhau
— 2 atuneiros congeladores
— 4 arrastões costeiros

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradoiro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes.
A **Fábrica Aleluia** produz azulejos da melhor qualidade.

Selos & Moedas

BOLETIM TRIMESTRAL DA
Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos
Filiada na Federação Portuguesa de Filatelia

Aveiro, 1 de Dezembro de 1962
Ano I Número 1

DIRECTORES — *José da Purificação M. Caldo*
Carlos da Rocha Leitão
EDITOR — *Manuel Pimenta Vieira*
ADMINISTRADOR — *José Henriques dos Santos*
REDACTOR — *João Carlos de Andrade Correia de Almeida*

Redacção, Sede e Administração:
CLUBE DOS GALITOS — AVEIRO

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica do Vouga — Telef. 22746 AVEIRO

bibRIA

Sumário

LIMIAR
pelo Dr. David Christo

COMO OS OUTROS NOS JULGAM
respigos da Imprensa

O QUE FOI E O QUE VAI PELA NOSSA CASA
nótulas de Morais Calado

ABRAÇO MUITO APERTADO PARA OS FILATELISTAS DE AVEIRO
do Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho

SELOS OBLITERADOS OU SELOS NOVOS
pelo Dr. Jorge de Melo Vieira

TEMPO DE SAUDADES
por João Sarabando

SELOS
artigo do Dr. António Fragoso

FILATELIA
palestra do Dr. Jorge de Melo Vieira

CARIMBOS COMEMORATIVOS DO VIII DIA DO SELO • REGISTO • SÓCIOS NOVOS SELOS DO ULTRAMAR

10

bibRIA

Para principiar ou continuar uma colecção de selos de Portugal, Ultramar, Estrangeiro, Temática, etc., visitar ou enviar lista de faltas a

HENRIQUE MANTERO

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — TELEF. 32 81 76 — LISBOA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

H. SANTOS VIEGAS

R. 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA - 2
Telefone 35852

SELOS

de
Portugal, Ultramar e Estrangeiro
aos melhores preços do mercado

MERCADO FILATÉLICO

Rua de Santo António, 190-1.º
PORTO

ALBUNS

para PORTUGAL E ULTRAMAR modelos Simões Ferreira e Mercado Filatélico

CATÁLOGO

SIMÕES FERREIRA 1963

SELOS NACIONAIS, ESTRANGEIROS E TEMÁTICOS

Escritório Filatélico
FUNDADO EM 1920

F. Castel-Branco & Filho, L.da

Raridades de Portugal e Ultramar -:- Selos estrangeiros -:- Novidades -:- Temáticas
REMESSA À ESCOLHA E POR MANCOLISTA

Avenida Rocha Páris, 54-1.º -:- Telefone 22020 -:- End. telegráfico REPERFILA -:- Apartado n.º 44
VIANA DO CASTELO PORTUGAL

biblRIA

Barata das Neves

SELOS PARA COLECÇÕES

Rua da Trindade, 5-1.º Dt.º — LISBOA 2 — Portugal

Sobrescritos do Ultramar Português

ANO	DISCRIMINAÇÃO	ESCUDOS	PESETAS
1953	Centenário do selo Postal — Colecção de 8 sobrescritos (um para cada província) — 1.º Dia — F. D. C.	150$00	300P
	Estou comprador de sobrescritos isolados		
	DIA DO SELO		
1956	Colecção de 5 sobrescritos — Angola, Moçambique, Guiné, India e Timor		
	1957-1958-1959 — Colecções de 8 sobrescritos (um para cada província)		
1956	Ed. do C.F.P. ou F.P.F. c/ $20 . . .	60$00	120
1957	Ed. do C.F.P. ou F.P.F. » . . .	80$00	160
1958	Ed. do C.P.F., F.P.F. ou Ouro » . . .	70$00	140
1959	Ed. do C.F.P., F.P.F. ou Ouro » . . .	60$00	120
1958	Ed. Ouro c/ 1$00 (*)	120$00	240
1959	Ed. Ouro c/ 1$00	120$00	240
	(*) Excepto Angola e Moçambique que são com $20		
	EMISSÃO HENRIQUINA		
1960	Colecção de 8 sobrescritos (um para cada província)	85$00	170
	TIMOR		
	DIA DO SELO		
1956	Ed. do C.F.P. ou F.P.F. c/ $20 . . .	12$50	25
1957	» » » » » » . . .	12$50	25
1958	» » » — » ou Ouro » . . .	10$00	20
1959	» » » — » ou Ouro » . . .	10$00	20

HISTÓRIA

ANO	DISCRIMINAÇÃO	ESCUDOS	PESETAS
	MACAU		
1953	Flores Indígenas — 1.º Dia — F.D.C. — c/ 39 avos.	17$50	35P
	» » » » » — c/ série .	125$00	250
	Centenário do Selo Postal — 1.º Dia — F.D.C. .	40$00	80
1954	Centenário da Cidade de S. Paulo — 1.º Dia — F.D.C..	30$00	60
1956	Mapa de Macau — 1.º Dia — F.D.C. — c/ série .	60$00	120
	» » » » » » — c/ 40 avos.	20$00	40
1958	Exposição de Bruxelas — 1.º Dia — F.D.C. . .	20$00	40
	Congresso de Medicina Tropical — 1.º Dia — F.D.C..	17$50	35
	DIA DO SELO		
1957	Ed. do C.F.P. ou F.P.F.	12$50	25
1958	Ed. do C.F.P. ou F.P.F.	10$00	20
1959	Ed. do C.F.P. — F.P.F. — Local ou Ouro . .	10$00	20
1960	Ed. Local	10$00	20
	INDIA		
	S. Francisco Xavier — 1.º Dia — F.D.C. . . .	25$00	50P
	» » » — Exposição Filatélica . .	25$00	50
	Centenário da Cidade de S. Paulo — 1.º Dia — F.D.C.	25$00	50
	Liceu de Goa — 1.º Dia — F.D.C.	17$50	35
	Monsenhor Dalgado — 1.º Dia — F.D.C. — C/ Série .	15$00	30
	450.º Aniversário da Fundação do Estado da India — F.D.C.	15$00	30
	Brasões — 1.º Dia — F.D.C. — C/ 4 valores . .	15$00	30
	Exposição de Bruxelas — 1.º Dia — F.D.C. — Ed. Local	17$50	35
	Exposição de Bruxelas — 1.º Dia — F.D.C. — Ed. Ouro	17$50	35
	Congresso de Medicina Tropical — 1.º Dia — F.D.C. — Ed. Local	15$00	30
	Congresso de Medicina Tropical — 1.º Dia — F.D.C. — Ed. Ouro	15$00	30
	Moedas — 1.º Dia — F.D.C. — Ed. Local	12$50	25
	» » » » — Ed. Ouro — C/ $20 .	10$00	20
	» » » » » » — C/ 1$00 .	17$50	35

bibRIA

Senhores filatelistas

Os Serviços Culturais dos CTT têm editado algumas obras de grande interesse filatélico entre as quais distinguimos:

100 Anos do Selo do Correio Português

— por António Fragoso, Carlos Trincão, Oliveira Marques e Godofredo Ferreira, com a colaboração da Casa da Moeda, Casa Portuguesa e Museu Nacional de Arte Antiga, e direcção gráfica dos serviços artísticos dos CTT.

bibPIA

Catálogo da Exposição Filatélica Internacional

Como se faz um Selo Postal

— «Palestra profissional n.º 34» do Consultor Artístico Jaime Martins Barata.

A Estética do Selo Postal

— «Palestra profissional n.º 45» pelo Mestre Gravador Aquiles Ouvré.

Estatuto do Selo Postal

Senhores filatelistas

CONSULTEM OS SERVIÇOS DE FILATELIA DOS CTT NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES, funcionando na sede da Administração Geral, na Rua de S. José, sobre as edições de selos postais, nomeadamente àcerca de:

bibRIA

— **Selos existentes e à venda;**

— **Próximas edições e datas prováveis.**

INSCREVAM-SE GRATUITAMENTE NOS SERVIÇOS DO GABINETE DO CONSULTOR ARTÍSTICO DOS CTT, situados no edifício da Rua Sínel de Cordes, n.º 9, Lisboa 1, a fim de serem informados, através do envio de «pagelas», das novas edições a aparecer.

CASA FILATÉLICA J. ELL

FUNDADA EM 1940

Novidades estrangeiras sempre aos melhores preços.
Listas de preços periódicas. Aceitamos assinantes de novidades.
Todo o material para o filatelista. Tiras H A W I D.

Rua da Prata, 184-2.º Esq. **Tel. 32 35 08 — LISBOA 2**

É FILATELISTA ou amigo da FILATELIA?

inscreva-se como sócio da

Secção Filatélica e Numismática

DO CLUBE DOS GALITOS

receberá GRATUITAMENTE

SELOS & MOEDAS

FOMENTE, DIVULGUE e PRATIQUE

F I L A T E L I A

José Maria Fialho de Macedo

COMERCIANTE FILATELISTA

Sócio:
C. I. F. — 730
C. F. P. — 1791
C. F. M. — 157

Selos novos e usados de Portugal e Ultramar Albuns, catálogos e todo o material para filatelia Erros e variedades Depositário dos charneires philorge e NOP. Sobrescritos transparentes. Sobrescritos c/ carimbo 1º Dia. Aceitam-se inscrições para entrega de novidades de Portugal e Ultramar

Descontos para revenda

Telefone 23349 ÍLHAVO

biblRIA

CASA A. MOLDER

RUA 1.º DEZEMBRO, 101-3.º
LISBOA-2 Telefone 21514

TUDO PARA FILATELIA

SELOS DE PORTUGAL E ULTRAMAR
é a nossa grande especialidade

SELOS DE TODO O MUNDO PARA TODOS OS TEMAS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE SELOS
EM 15 VITRINES NO ATRIO DO RÉS-
-DO-CHÃO E NO 3.º ANDAR (elevador)

EXECUÇÃO RÁPIDA DE PEDIDOS POR CORRESPONDÊNCIA

COMPRA — VENDA

DOMINGOS DO SACRAMENTO
MERCADO FILATÉLICO DE LISBOA
R. do Crucifixo, 26 - Telef. 32 48 91 - LISBOA - 2

SELOS E MATERIAL FILATÉLICO

Edições: Simões Ferreira
Mercado Filatélico
e Eládio de Santos

Circulares grátis em distribuição

WHOLESALE

* PACKETS FROM PORTUGAL AND PORTUGUESE OVERSEAS.
* COMPOSITIONS OF 5 AND 10 DIFFERENT: BIRDS, ANIMALS, FISHES, BUTTERFLIES, MAPS, ETC.
* COMPLETE SETS, SHORT SETS AND SINGLES.
* MIXTURE AND KILOWARE.
* PAQUETS AND COMPOSITIONS CAREFULLY MANUFACTURED.
* WRITE IMMEDIATELY FOR FULL DETAILS AND PRICE-LISTS.

ARMANDO LAPA
P. O. Box 74 Lisboa Norte
PORTUGAL

bibRIA